

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
CAMPUS DE ERECHIM
ÁREA DE CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA**

NICOLI MAIARA HOFFMANN DE OLIVEIRA

**RELATOS DA ATUAÇÃO DE PEDAGOGOS EM TURMAS DE 4ºs E 5ºs ANOS EM
SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: ESTUDO EM UMA ESCOLA
PÚBLICA MUNICIPAL DO ALTO URUGUAI GAÚCHO**

ERECHIM-RS

2024

NICOLI MAIARA HOFFMANN DE OLIVEIRA

**RELATOS DA ATUAÇÃO DE PEDAGOGOS EM TURMAS DE 4ºs E 5ºs ANOS EM
SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: ESTUDO EM UMA ESCOLA
PÚBLICA MUNICIPAL DO ALTO URUGUAI GAÚCHO**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito
parcial à obtenção do grau de
Pedagoga, Área de conhecimento
de Ciências Humanas da
Universidade Regional Integrada
do Alto Uruguai e das Missões –
Câmpus de Erechim.**

**Prof. Orientadora: Márcia dos
Santos Caron**

ERECHIM-RS

2024

“Dedico este trabalho, especialmente a todos aqueles que, mesmo enfrentando realidades desafiadoras, nunca perderam a capacidade de sonhar e a crença de que podem transformar o mundo. Que suas esperanças e resiliência inspirem outros a persistirem na busca por um futuro melhor.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me concedeu forças para enfrentar as lutas diárias e iluminou meu caminho em momentos de escuridão.

Minha gratidão se estende especialmente ao meu noivo, Vinícius Forcelini, o grande amor da minha vida. Ele esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, guiando-me, acalmando-me, acolhendo-me e, principalmente, ouvindo-me. Sua presença me fez sentir amada e apoiada. Meu amor, sem você, essa conquista também não teria sido possível; ela é tão sua quanto minha.

Agradeço também a todos os professores que cruzaram meu caminho e plantaram a semente da educação em meu coração. Esses mestres me ouviram, compreenderam-me e, sobretudo, seguraram a minha mão, nunca desistindo de mim. Sou grata a todos os amigos e familiares que passaram por minha vida ao longo destes 23 anos; cada um deixou uma marca indelével que hoje transborda e reflete quem sou. Todos estarão pra sempre em meu coração e minhas memórias.

Um agradecimento especial à professora Elisandra Gaieski, que me apresentou à profissão de pedagoga. Ela me acolheu em um momento delicado da minha vida, ouvindo-me e incentivando-me a não desistir. Você é uma verdadeira inspiração, tanto como pessoa quanto como profissional.

À minha professora orientadora, Márcia S. Caron, reconheço que ser orientada por você foi um diferencial extraordinário. Você sempre me acolheu e ouviu, esteve ao meu lado em todas as etapas do processo. Sou imensamente grata por tudo e lembrarei para sempre da pessoa e da profissional que você é. Você me inspira como mulher e como uma grande educadora.

Agradeço aos que já se foram e que mesmo assim estão comigo em meu coração minha vó e minha irmã!

Agradeço a Escola Municipal Dom Pedro que me acolheu e esteve sempre disponível para o que eu precisava durante a pesquisa e a Secretária Municipal de Educação de Erechim que foi eficaz e ágil com os Termos de Autorização.

E por fim, agradeço ao meu eu criança por nunca ter desistido de sonhar, tenho certeza que a Nicoli criança que sonhava em transformar o mundo estaria tão orgulhosa de ver onde chegamos!

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Relatos de pedagogos em turmas de 4^{os} e 5^{os} anos em situação de vulnerabilidade social: Estudo em uma escola pública municipal do Alto Uruguai Gaúcho” teve como objetivo principal conhecer como os pedagogos que trabalham em 4^{os} e 5^{os} anos com estudantes em situação de vulnerabilidade social em uma escola pública municipal do Alto Uruguai Gaúcho relatam sua atuação pedagógica. A motivação para essa pesquisa surge da necessidade de abordar um tema pouco discutido tanto na comunidade quanto no curso de Pedagogia. O intuito principal é sensibilizar e ampliar a voz dos pedagogos que frequentemente são negligenciados. O trabalho foi conduzido por meio de pesquisa de campo, a metodologia envolveu a aplicação de um questionário anônimo online via Google Forms, contendo cinco questões pertinentes ao tema. Após a coleta de dados, os resultados foram analisados e descritos, por meio da análise temática proposta por Bardin (2010) com as principais ideias e reflexões emergentes, enfatizando as percepções dos pedagogos. A análise buscou relacionar as teorias estudadas com a prática profissional, oferecendo uma visão mais ampla e contextualizada das experiências vividas pelos Pedagogos nesse contexto específico.

Palavras – chave: Pedagogia; Vulnerabilidade Social; Educação.

ABSTRACT

The final paper entitled “Reports of educators in 4th and 5th grade classes in situations of social vulnerability: Study in a municipal public school in Alto Uruguai Gaúcho” had as its main objective to understand how educators who work in 4th and 5th grades with students in situations of social vulnerability in a municipal public school in Alto Uruguai Gaúcho report their pedagogical work. The motivation for this research arises from the need to address a topic that is little discussed both in the community and in the Pedagogy course. The main purpose is to raise awareness and amplify the voice of educators who are often neglected. The work was conducted through field research, the methodology involved the application of an anonymous online questionnaire via Google Forms, containing five questions relevant to the topic. After data collection, the results were analyzed and described, through the thematic analysis proposed by Bardin (2010) with the main ideas and emerging reflections, emphasizing the educators' perceptions. The analysis sought to relate the theories studied with professional practice, offering a broader and more contextualized view of the experiences lived by Pedagogues in this specific context.

Keywords: Pedagogy; Social Vulnerability; Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. VULNERABILIDADE SOCIAL NO BRASIL: IMPACTOS NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM.....	10
2.1 Conceituando vulnerabilidade social.....	10
2.2 Vulnerabilidade social no contexto escolar.....	12
2.3 O trabalho do pedagogo e seus desgastes cotidianos.....	16
2.4 Vulnerabilidade social: Contextos e reflexões.....	17
3. PEDAGOGIA SOCIAL: ALICERCE TEÓRICO PARA COMPREENSÃO DA ATUAÇÃO DO PEDAGOGO.....	21
3.1 Contextualizando Pedagogia Social.....	21
3.2 Pedagogia Social e suas pluralidades: Educação formal e informal.....	26
3.2.1 Pedagogia Social e suas pluralidades: Educação formal.....	28
3.2.2 Pedagogia Social e suas pluralidades: Educação informal.....	29
4. RELATOS DE PEDAGOGOS ATUANTES EM TURMAS DE 4^{os} E 5^{os} ANOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL.....	33
4.1 Tipo de pesquisa e metodologia.....	33
4.2 Análise de dados.....	34
4.2.1 Dificuldades cotidianas.....	36
4.2.2 Impactos da vulnerabilidade social na atuação do pedagogo.....	38
4.2.3 Materiais pedagógicos.....	40
4.2.4 Prática pedagógica.....	42
4.2.5 Relato de experiência.....	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
APÊNDICES.....	56

1. INTRODUÇÃO

A educação não é neutra e precisa estar em constante transformação e movimento. Ao longo da história podemos perceber que a educação se reinventou e houve diversas (des)construções. Infelizmente, ainda é possível notar que apesar de o Brasil ser um país democrata, ainda muitos estudantes sofrem com a falta de um ensino de qualidade e justo. É visto que muitas mudanças ainda precisam ser feitas para a melhoria do ensino educacional brasileiro.

O objetivo principal deste estudo é conhecer os relatos dos Pedagogos que trabalham diretamente com estudantes em situação de vulnerabilidade social em uma escola pública municipal do Alto Uruguai Gaúcho. A motivação para esta pesquisa nasce da necessidade de explorar um tema pouco debatido, tanto na comunidade acadêmica quanto no âmbito do curso de Pedagogia. O objetivo principal é sensibilizar e dar maior visibilidade aos pedagogos, profissionais que, frequentemente, são negligenciados.

Ademais, visa-se salientar a relevância das contribuições dos pedagogos para o avanço do desenvolvimento educacional, além de promover um maior reconhecimento e valorização de seu trabalho no âmbito educacional. A pesquisa almeja, igualmente, estimular um debate mais abrangente sobre as questões enfrentadas pelos pedagogos, com o intuito de contribuir para a formulação de políticas e práticas que melhor atendam às suas necessidades e fomentem um ambiente educacional mais justo e equitativo.

O trabalho foi realizado por meio de pesquisa de campo, com a participação de pedagogos atuantes em um ambiente formal de educação, especificamente nas turmas dos 4º e 5º anos de uma escola pública municipal do Alto Uruguai Gaúcho. A metodologia consistiu na aplicação de um questionário anônimo online via Google Forms, contendo cinco questões relevantes ao tema que foi analisado posteriormente.

Após a coleta de dados, foram analisadas e descritas as principais ideias e reflexões emergentes, enfatizando as percepções dos pedagogos. Esta análise buscou relacionar as teorias estudadas com a prática profissional, oferecendo uma visão mais ampla e contextualizada das experiências vividas pelos Pedagogos, nesse contexto específico.

O trabalho encontra-se dividido em três grandes seções. A primeira seção

tem o objetivo de contextualizar a vulnerabilidade social e analisar como os fatores ambientais impactam os processos de aprendizagem durante a atuação dos Pedagogos. A segunda seção visa conceituar Pedagogia Social e destacar aspectos relevantes de suas práticas no sistema educacional brasileiro. E, finalmente, a seção três examina a pesquisa de campo e apresenta os resultados obtidos através do questionário anônimo respondido pelos pedagogos que atuam nos 4º e 5º anos.

2. VULNERABILIDADE SOCIAL NO BRASIL: IMPACTOS NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

Nesta seção, será definido o conceito de vulnerabilidade social, explorando as temáticas relacionadas ao assunto e discutindo alguns desafios que impactam o trabalho do pedagogo em contextos formais de educação. Serão abordadas as diversas dimensões da vulnerabilidade, como econômica, social e cultural, e como essas dimensões afetam diretamente o ambiente educacional.

Além disso, serão analisados os desafios enfrentados pelos pedagogos, como a escassez de recursos adequados, a necessidade de estratégias de apoio específicas e o impacto emocional resultante da complexidade das situações que encontram.

O objetivo é oferecer uma visão completa dos fatores que afetam o desempenho dos pedagogos e identificar possíveis soluções para enfrentar essas dificuldades, com o intuito de promover uma educação mais inclusiva e eficaz.

2.1 Conceituando vulnerabilidade social

Define-se vulnerabilidade social como um termo multifacetado que se refere a situação de pessoas ou grupos que possuem uma maior carência e dificuldades socioeconômicas. As populações vulneráveis são aquelas que se encontram em risco, não simplesmente porque estão expostas aos perigos, mas como resultado da marginalidade em que vivem, fazendo das suas vidas uma “emergência permanente” (Curran, 2018, 2017; Cutter, 2009; 2006).

Em um conceito geral o termo abrange múltiplas dimensões que inserem os grupos de pessoas dentro deste termo, entre elas a falta de saneamento básico, baixa renda, situações de pobreza extrema, falta de acesso à saúde, qualidade de vida instável e falta de acesso ao ensino.

Diz respeito à vasta parcela daqueles que estão à margem, desligados ou desenraizados dos processos essenciais da sociedade. Trata-se daquilo que se convencionou denominar os excluídos, noção ampla e escorregadia que se tornou de uso corrente e que necessita ser trabalhada empírica e teoricamente. (Kowarick, 2009, p. 27).

Embora o termo vulnerabilidade social seja discutido há bastante tempo e embora se refira a pessoas em situação de carência na sociedade, ainda é possível notar uma falta de atenção adequada por parte da comunidade e da sociedade em geral sobre esse tema.

Atualmente, o Governo Federal brasileiro dispõe de diversas políticas públicas destinadas a apoiar famílias em situação de vulnerabilidade social. Um exemplo significativo é a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), que oferece suporte essencial para enfrentar momentos de adversidade.

A Proteção Social Básica tem como objetivos prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros) e, ou, fragilização de vínculos afetivos – relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras) (Brasil, 2004, p. 27-28).

Outro programa amplamente conhecido é o Bolsa Família, implementado em 2003 que oferece auxílio financeiro às famílias com baixa renda mensal. O valor do benefício é ajustado conforme o número de filhos e a renda per capita das famílias cadastradas no sistema do programa. Estudos indicam que o PBF contribuiu significativamente para a redução da desigualdade social (Brasil, 2006; Soares e outros, 2006)

O principal objetivo do Bolsa Família é melhorar a qualidade de vida dos beneficiários, além de ajudar na redução da pobreza e apoiar famílias com baixa renda. O programa também visa assegurar o acesso à educação, monitorando se as crianças frequentam a escola regularmente por meio de avaliações das famílias que recebem o benefício.

Infelizmente, apesar da existência de programas destinados a apoiar as famílias, ainda é comum que os estudantes cheguem às escolas sem ter tido sequer uma refeição. Essa situação pode resultar em baixo rendimento escolar, dificuldade de concentração e, em alguns casos, até mesmo em evasão escolar. A fome interfere com a disponibilidade orgânica e psíquica para atividades físicas e mentais, por uma questão fisiológica de concentração sobre uma necessidade primária e do próprio déficit energético (Collares, Moysés, Lima, 1985, p.14).

Neste contexto, é evidente que as políticas públicas voltadas para a vulnerabilidade social no Brasil precisam ser eficazes, pois têm impacto direto na qualidade da educação e, indiretamente, no desenvolvimento social e econômico das comunidades. A aplicação de políticas apropriadas pode melhorar as condições de vida dos estudantes e suas famílias, fomentar um ambiente escolar mais inclusivo e, assim, ajudar a reduzir as desigualdades educacionais.

...reconstrução da imagem das políticas sociais públicas: (...) deixarem de ser mecanismos de atendimento a carentes (...); (é preciso) recolocar essas políticas sociais como garantia de atendimento aos direitos elementares de todo cidadão... (Arroyo, 1991a, p.46).

Cabe aos órgãos públicos realizarem essas vitórias e identificar as famílias em necessidade. Dessa forma, eles poderão oferecer a ajuda adequada e atuar quando necessário, além de prevenir que situações similares se repitam nas futuras gerações. Além disso, é crucial que os órgãos públicos não apenas abordem as necessidades imediatas, mas também elaborem estratégias de longo prazo para enfrentar as causas fundamentais da vulnerabilidade social.

2.2 Vulnerabilidade social no contexto escolar

O papel da educação no contexto escolar é de extrema importância e muito necessário. Por vezes, é nos momentos do cotidiano escolar que os estudantes que apresentam situações de carência e/ou vulnerabilidade, conseguem adquirir visão de mundo. Sendo assim, esses estudantes conseguem perceber que podem sair da situação que estão graças ao convívio escolar. A escola como espaço social tem de ter uma função básica: ser o espaço sociocultural que o mundo do trabalho e a cidade negam ao trabalhador (Arroyo, 1991a, p.50).

A escola tem a função de promover a democratização e a equidade no ensino público e gratuito. “alcançar a excelência com equidade é um objetivo que deve ser prioritário para todas as redes de ensino e escolas públicas do Brasil” (Faria, Madalozzo, 2013, p. 04). No entanto, o entendimento de que a educação abrange muito mais do que a mera transmissão de conteúdos tem sido amplamente discutido nos dias de hoje.

Atualmente, reconhece-se que a educação deve englobar o desenvolvimento integral do aluno, incluindo aspectos sociais, emocionais e culturais. Além de criar

momentos que promovam a integração e a escuta ativa dos estudantes. Uma escola possível para o povo tem de começar por criar condições para sua existência material, sem a qual será romântico reprogramar alternativas pedagógicas inovadoras (Arroyo, 1991a, p.41).

Infelizmente, muitos estudantes em situação de vulnerabilidade social acabam abandonando os estudos em certa idade. Isso ocorre por diversos motivos, sendo o mais comum a necessidade de começar a trabalhar ainda jovem. Além disso, a ausência de apoio familiar, a carência de recursos escolares e as dificuldades financeiras podem influenciar essa decisão. O abandono escolar nessas circunstâncias não apenas reduz as oportunidades futuras para esses jovens, mas também contribui para a perpetuação de ciclos de desigualdade social.

Vale ressaltar também que a preocupação com os estudantes que abandonam a escola e tendem a não retomar os estudos é um assunto mundialmente retratado. Os países que fazem parte da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), também apontam uma apreensão eminente, como demonstram no documento “Equity and Quality in Education Supporting Disadvantaged Students and Schools”:

Entre os países OCDE, quase um em cada cinco alunos não atinge um nível básico mínimo de formação. Além disso, os alunos oriundos de meios socioeconômicos desfavorecidos têm duas vezes mais probabilidades de ter fraco aproveitamento. A falta de equidade e de integração podem levar ao fracasso escolar e isto significa que um em cada cinco jovens adultos, em média, abandona os estudos antes de completar o segundo grau. (Ocde, 2012, p. 01).

Nota-se que os educadores precisam de uma formação altamente técnica e humanista para atender os estudantes da melhor forma possível. Isso envolve não apenas um conhecimento aprofundado das práticas pedagógicas e do conteúdo curricular, mas também a capacidade de entender e gerenciar as diversidades individuais e contextuais dos estudantes. Além disso, é fundamental que os educadores cultivem habilidades emocionais e interpessoais para estabelecer um ambiente de aprendizagem inclusivo e empático, promovendo o desenvolvimento integral e o bem-estar dos estudantes.

Uma vez definidas as metas, as escolas focaram em planejar cuidadosamente – e, em muitos casos, com o apoio da Secretaria – as estratégias e ações que usariam para conseguir atingi-las. É interessante observar que, apesar de estarem atreladas às notas dos

alunos em provas 121 padronizadas, as estratégias para que as escolas conseguissem atingir as metas foram muito além de treinar os alunos para as provas e envolveram aspectos pedagógicos considerados relevantes para o sucesso escolar, como formação continuada dos professores, reforço para os alunos com dificuldades, atividades extracurriculares. (Faria, Madalozzo, 2013, p. 8).

A rede de apoio aos professores deve fomentar a formação contínua, garantindo que eles estejam bem preparados para enfrentar e lidar com as situações diárias. Isso permite que os docentes combinem técnica com empatia e equidade em seu trabalho. Compreender as dificuldades que o aluno enfrenta e as razões por trás delas é crucial para combater a evasão escolar e ajudar os estudantes a superar os obstáculos.

O que os alunos estão ou não aprendendo é a base para a formação continuada dos professores, o reforço escolar e até mesmo questões mais simples do dia a dia da escola, como a organização da sala de aula. A ideia é garantir um trabalho mais direcionado da equipe, ajudando os professores a dar um suporte mais eficaz para cada aluno. (Faria, Madalozzo, 2013. p. 10).

Portanto, a escola deve ser um ambiente de acolhimento e valorização da aprendizagem. O aluno precisa se sentir bem recebido para valorizar o local e entender a importância de permanecer nele, especialmente considerando que sua vida fora da escola pode ser difícil. O educador deve transmitir esse apoio ao estudante em situação de vulnerabilidade, ajudando-o a reconhecer que sua presença na escola é valiosa e que o ambiente escolar pode oferecer uma base de suporte e oportunidades.

Vale ressaltar que é fundamental que a escola ofereça um ambiente seguro e estimulante, onde os estudantes possam desenvolver suas habilidades e interesses, sentir-se parte de uma comunidade e acreditar em seu potencial para enfrentar desafios.

Garantir essas condições é apenas um primeiro passo. As escolas de sucesso garantem também um ambiente propício ao aprendizado. Algumas delas, por exemplo, contam com uma equipe de profissionais especializados (fonoaudióloga, nutricionista, assistente social e psicóloga) para apoiar os alunos com dificuldades específicas. A escola e as aulas têm rotinas estruturadas, que ajudam a assegurar a frequência e a pontualidade de alunos e professores, e todas se preocupam com a disciplina, para garantir o bom andamento das aulas. (Faria, Madalozzo, 2013. p. 13).

A família também é essencial nos processos de ensino e aprendizagem dos

estudantes. Sempre que possível o educador deve tentar ter esse contato próximo com as famílias dos estudantes para que seja possível entender melhor a vida e as condições dos estudantes e principalmente para poder auxiliar quando se fizer necessário. Esse envolvimento facilita a comunicação entre escola e lar, permitindo uma abordagem mais integrada e personalizada para atender às necessidades dos estudantes.

Buscar o apoio e o envolvimento dos pais também é uma estratégia apontada como crucial pelos entrevistados. Quando participam do dia a dia da escola e de reuniões e oferecem os incentivos necessários para que a criança frequente as aulas e tenha disponibilidade para aprender, os pais representam um suporte fundamental para o trabalho dos educadores. (Faria, Madalozzo, 2013, p. 22).

A relação entre família e escola é especialmente importante para estudantes em situação de vulnerabilidade social, pois pode influenciar diversos aspectos da aprendizagem e contribuir para uma trajetória escolar mais tranquila. Vale ressaltar que os pedagogos lidam com seres humanos e que isso necessita ter abordagens empáticas. "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática". (Freire, 1991, p. 58).

Quando existe uma comunicação aberta e contínua entre pais e educadores, é possível ajustar as estratégias pedagógicas para melhor atender às necessidades dos estudantes, além de criar um ambiente de apoio e segurança. Sendo assim, o professor que conhece a realidade do seu aluno e busca entendê-lo consegue ajustar os seus planejamentos para que as suas aulas sejam cada vez mais proveitosas e dinâmicas e que promova um ensino de qualidade em que o estudante em situação de vulnerabilidade social se sinta confortável e permaneça na escola.

Segundo Libâneo (1991, p. 54):

“aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto o conhecimento que o educando transfere representa uma resposta à situação de opressão a que se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica”.

Deste modo, entende-se então que a educação é um esforço compartilhado e, para ser realmente eficaz, deve levar em conta a totalidade da experiência do aluno. A comunicação constante entre casa e escola estabelece uma base sólida para o sucesso acadêmico e o desenvolvimento pessoal dos estudantes.

2.3 O trabalho do pedagogo e seus desgastes cotidianos

Como mencionado anteriormente, o pedagogo deve estar preparado para enfrentar todas as demandas que surgem, tanto em contextos formais quanto informais da educação. A vulnerabilidade social tem um impacto significativo no ambiente escolar, e o pedagogo atua como mediador em diversas situações do dia a dia.

Entretanto, sabemos que muitas vezes este profissional não tem uma rede de apoio necessária e isto acaba por vezes desgastando a sua saúde mental. Segundo Amarante (2007,p.15) infere que a saúde mental é uma tema amplo que “encontramos dificuldades de delimitar suas fronteiras, de saber onde começam ou terminam seus limites”.

Sabe-se que esses profissionais frequentemente enfrentam sobrecarga devido às tarefas diárias, rotinas exaustivas, remuneração inadequada e falta de reconhecimento. Esses fatores podem contribuir para a deterioração da saúde mental. Além disso, ao chegar às escolas que atendem a populações em situação de vulnerabilidade social e lidar com as realidades, dificuldades e os desafios diários que os estudantes enfrentam, o desgaste pode ser ainda maior.

Assunção e Oliveira (2009, p. 352), citam que:

“Efeitos negativos sobre a saúde dos docentes decorreriam de fatores como a massificação da educação, a desregulação, a redefinição de tarefas, os quais, no conjunto, seriam indicadores da ausência de definição sobre o que seria um "bom trabalho" e da fraqueza dos debates sobre estas questões.”

Reconhecemos que a prática da docência é extremamente desafiadora e exige um grande esforço de quem a exerce. O trabalho dos professores deve ser realizado de maneira equilibrada, sempre considerando o aspecto humano por trás das atividades diárias. O trabalho não pode promover o desgaste do educador pois um trabalho que desgasta gera inúmeros riscos sendo eles mentais ou físicos, o que compromete a qualidade da educação.

“ameaça o próprio corpo, fadado à decadência; o mundo externo, que pode voltar-se contra ele com forças de destruição e o relacionamento com outros, colocado como talvez sendo a fonte de sofrimento mais penoso. A defesa imediata contra este sofrimento seria o isolamento, porém que o melhor caminho é o de tornarmo-nos membros da comunidade humana.” (Oliveira, 2006, p.30).

Lidar com situações conflituosas no trabalho é extremamente desafiador, especialmente quando se trata de crianças em situação de vulnerabilidade. Os professores frequentemente se sentem emocionalmente fragilizados e impotentes diante das realidades que enfrentam, o que resulta em uma intensa tensão emocional e desgaste psicológico. Esse impacto pode afetar não apenas a saúde mental dos docentes, mas também sua capacidade de manter um ambiente de aprendizagem positivo e produtivo.

Prado (2016, p. 285) infere que:

O estresse ocupacional é um estado em que ocorre desgaste do organismo humano e/ou diminuição da capacidade de trabalho. Por si só, não é capaz de desencadear uma enfermidade orgânica ou provocar uma disfunção significativa na vida do indivíduo. Para que isso ocorra, é necessário que outras condições estejam presentes, como a vulnerabilidade orgânica ou a forma inadequada de avaliar e enfrentar a situação estressante. A preocupação científica com a questão do estresse ocupacional reside na sua provável relação com o adoecimento ou sofrimento que acarreta.

Diante disso, é fundamental destacar que os professores precisam de uma rede de apoio sólida e coesa para desempenhar seu trabalho da melhor maneira possível, sem comprometer sua saúde durante a prática profissional. Esse suporte deve incluir acesso a recursos adequados, acompanhamento psicológico, oportunidades para desenvolvimento profissional e uma comunicação aberta com a administração escolar. Fazendo com que assim o pedagogo se sinta valorizado e estimulado a trabalhar e atender os estudantes da melhor maneira possível.

2.4 Vulnerabilidade social: Contextos e reflexões

Não é novidade que o Brasil enfrenta grandes desigualdades. Ao abordar a vulnerabilidade social no país, observamos diversos fatores que geram insatisfação entre os cidadãos. Muitas pessoas ainda carecem de acesso a saneamento básico em suas residências, enfrentam dificuldades para garantir uma alimentação adequada e, frequentemente, têm acesso limitado à educação.

Em 2018, o país tinha 13,5 milhões de pessoas na extrema pobreza, 35 milhões de pessoas sem acesso à água potável e 100 milhões sem coleta de esgoto e em situação de insegurança alimentar, vivendo em territórios superpovoados e com habitações que não permitem o distanciamento social (Stefano; Mendonça, 2020, p. 12).

Percebe-se que esta é uma realidade lamentavelmente cruel e bastante

comum nos diversos estados brasileiros. Ao abordarmos o contexto educacional, tornam-se evidentes as dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem por estudantes que vivenciam essas situações de vulnerabilidade. A ausência de uma estrutura material e psicológica adequada torna o processo de estudo desses estudantes mais desafiador, levando, em alguns casos, ao abandono dos estudos em decorrência das exigências do trabalho.

Quando pensamos em vulnerabilidade social, a primeira imagem que nos vem à mente geralmente são as casas de madeira ou tijolos à vista, fios elétricos expostos, loteamentos com construções muito próximas umas das outras e localizados perto de riachos ou córregos, com uma grande população em um espaço reduzido. No entanto, também nos lembramos das crianças brincando nas ruas, jogando futebol, empinando pipas e principalmente sonhando.

Quem não vive nesse ambiente pode se perguntar: O que essas pessoas estão fazendo ali? Alguns até afirmam: É falta de vontade de buscar algo melhor! No entanto, sabemos que isso é apenas uma percepção superficial. Somente quem enfrenta uma situação semelhante pode realmente compreender a realidade dessas pessoas. Elas não são infelizes, mas, em alguns casos, perdem a ingenuidade infantil que se relaciona ao ato de sonhar.

“la vulnerabilidad es entendida como un proceso multidimensional que confluye con el riesgo o probabilidad del individuo, del hogar o comunidad de ser herido, lesionado o dañado ante a cambios o permanencia de situaciones externas y/o internas” (Busso, 2001,p.8).

Os sonhos são frequentemente colocados de lado devido às rotinas exaustivas de trabalho, ao cuidado com a família e, para aqueles que estudam, o principal desafio é conciliar trabalho e estudo. Aqueles que têm grandes famílias frequentemente se preocupam com questões básicas, como o que terão para colocar na mesa, se o preço do arroz ou do feijão subiu, se o gás vai durar até o fim do mês e se as crianças precisarão de um caderno novo no próximo semestre. Nesse contexto, os sonhos são deixados de lado, pois a realidade é dura e a cobrança social é constante, além da pressão interna que cada pessoa enfrenta.

23 maio de 58: [...] O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astrotei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o

espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existem (Jesus, 2007, p. 44).

As famílias brasileiras que vivem em periferias enfrentam diariamente o tormento de medos constantes, tanto materiais quanto psicológicos. Além disso, o preconceito em relação às pessoas dessas áreas é um fator significativo que impacta diretamente a vida, a saúde mental e os sonhos de milhares de brasileiros que vivem nessas condições. (Sousa, 1999, p. 86) enfatiza que: “[...] disfunção individual, atribuída à ausência de disposição física, de iniciativa, de sorte, de aptidão para atuação na sociedade.”

Podemos perceber que a sociedade frequentemente discrimina essas pessoas, acreditando que as famílias nas periferias estão em tal situação por escolha própria. Esse ponto de vista ignora a necessidade de políticas públicas que ofereçam apoio a essas comunidades e negligencia a importância da educação no desenvolvimento completo desses indivíduos. Assim, observa-se que o Brasil ainda coloca grande ênfase nas divisões de classe social e, principalmente, não dá a devida atenção às classes menos favorecidas.

Neste sentido Cattani (2018, p.64), comenta sobre:

Ricos: privilégios acumulados; impunidade; regalias tributárias (0.1 a 3% sobre rendimentos); isenções/elisões fiscais; sonegação; uso de paraísos fiscais; qualidade de vida; consumo desmedido; melhores escolas e serviços de saúde qualificados. Não ricos: desvantagens cumulativas; rigor da lei; peso de impostos (30 a 40% sobre rendimentos); impostos inevitáveis sobre luz, água, alimentos e rendimentos do trabalho; precariedades e incertezas; educação deficiente e acesso limitado à saúde.

Muitas pessoas acabam não frequentando instituições educacionais devido à falta de tempo, que pode ser causada pela necessidade de trabalhar em empregos formais ou de prestar assistência em casa, como cuidar de irmãos, o que é especialmente comum entre meninas durante a infância. Além disso, é importante mencionar que crianças e adolescentes também podem abandonar a escola devido à gravidez, frequentemente resultante da falta de conhecimento e apoio adequado.

A gravidez na adolescência se trata de um problema de saúde pública e de âmbito escolar, pois a cada ano que passa as adolescentes estão começando a vida

sexual mais cedo (Taquette; Vilhena; Paula, 2004).

Portanto, é evidente que há diversas necessidades básicas que contribuem para o processo de vulnerabilidade social. Esse problema não é recente; ele se desenvolve desde um longo período de tempo e resulta no enfraquecimento da população, da economia e da educação.

Diante do exposto, infere-se que a vulnerabilidade social é um tema extremamente importante e que deve ser debatido. Ela afeta diretamente os processos de aprendizagem dos estudantes e isso acaba refletindo nas práticas diárias dos pedagogos.

Na seção seguinte abordar-se-á temática da pedagogia social, destacando aspectos relevantes para a contribuição do tema e demonstrando as diversas áreas de atuação do pedagogo.

3. PEDAGOGIA SOCIAL: ALICERCE TEÓRICO PARA COMPREENSÃO DA ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

Esta seção visa apresentar tanto os aspectos gerais quanto os específicos do conceito das contribuições Pedagogia Social no Brasil. Serão discutidos elementos cruciais sobre a evolução histórica da Pedagogia Social no país e as várias denominações atribuídas ao longo dos anos por diferentes autores.

Além disso, a seção examina a educação formal e informal, detalhando seus conceitos, inter-relações e distinções, com o objetivo de oferecer uma compreensão abrangente dessas duas abordagens educacionais. O objetivo é fornecer uma visão completa da Pedagogia Social, destacando suas contribuições para a formação e desenvolvimento social, e refletindo sobre suas implicações para a prática pedagógica contemporânea.

3.1 Contextualizando Pedagogia Social

A Pedagogia Social é uma abordagem que visa proporcionar uma educação de qualidade e equidade para todos os estudantes. Ela se fundamenta no princípio de que o acesso ao ensino deve ser universal, independentemente das condições de vida. Nesse contexto, é relevante destacar o conceito de Educação Popular, que foi utilizado antes que o termo Pedagogia Social se tornasse amplamente conhecido. Durante esse período de movimentos educacionais, o país vivenciou profundas transformações sociais e políticas. Naquela época, a educação formal era amplamente elitista e restritiva, excluindo vastos segmentos da população.

A Educação Popular foi um movimento que, apesar de não ter bases formais estruturadas, buscava garantir o acesso à educação com legitimidade e equidade. Seu objetivo era promover uma abordagem educativa sem hierarquias, enfatizando a participação e o diálogo. Embora o movimento não tenha se focado diretamente na curricularização, teve uma influência significativa no desenvolvimento da Pedagogia Social como a conhecemos hoje.

Paiva (1987, p. 46) ressalta que “[...] a educação oferecida a toda a população, aberta a todas as camadas da sociedade [como também] seria aquela da educação destinada às chamadas ‘camadas populares’ da sociedade”. Assim, é evidente que a busca pelos direitos e por uma educação que promova a cidadania é

uma preocupação que tem estado presente ao longo da história

Diante disso, é importante destacar que Paulo Freire foi um notável defensor das emancipações sociais, entendendo o social e o popular como movimentos que lutam contra as desigualdades. Ele acreditava que todos tinham a capacidade de buscar seus direitos por meio do conhecimento e das orientações adequadas, mas, acima de tudo, por meio de uma vontade incansável de transformação.

É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis. (Freire, 1983, p. 17).

Ao longo dos anos, foram feitos vários contrapontos aos modelos tradicionalistas que não asseguravam uma educação equitativa. Diversos autores têm refletido, e continuam a refletir, sobre os significados e implicações de certos termos.

Apesar dos termos Educação Popular e Pedagogia Social terem bases parecidas, eles não são a mesma coisa. Ribas Machado (2012 p. 15), revela que

Percebe-se que a Educação Popular e a Pedagogia Social caracterizam-se por movimentos diferenciados. Em relação à Educação Popular, identifica-se um movimento não estruturado no sentido da formação de profissionais e também não é verificado a existência concreta da busca de meios específicos de formalizá-la pois suas práticas podem acontecer e acontecem de maneiras espontâneas, considerando iniciativas de pessoas ou de grupos, podendo ser utilizadas por qualquer instância que discuta educação ou cultura. Já o movimento que se identifica em relação à Pedagogia Social é ao contrário, no sentido de que busca legitimar e reconhecer a área perante os meios e instituições legais. Podemos dizer que esta é sua principal característica e o que a difere da Educação Popular.

O movimento da Pedagogia Social começou a se desenvolver como uma resposta a essas desigualdades, visando expandir o acesso à educação e promover a inclusão social. “As terminologias Educação Popular e Pedagogia Social aparecem pela primeira vez na realidade educacional brasileira no início do século XX, atreladas a um contexto histórico em que grande parte da população brasileira não tinha acesso à escola, não sabiam ler ou escrever” (Ribas Machado, 2010, p.94).

A constituição da Pedagogia Social no Brasil é fruto de vários fatores históricos. Segundo Ribas Machado (2012 p. 3) o processo histórico do qual

refere-se a Pedagogia Social é o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova em 1932, ela teve suas bases na teoria de John Dewey e propõe uma escola laica, com o ensino obrigatório e público, sendo dever do Estado garantir este acesso ao povo.

O Movimento Educacional dos Pioneiros da Escola Nova (1932), buscava como ideia central a aprendizagem dos estudantes. Considerando que os estudantes já trazem consigo uma bagagem própria de conhecimentos e que a educação deve ser centrada no aluno. “Ideário da Escola Nova, propunham uma escola pública para todas as crianças e adolescentes dos sete aos 15 anos de idade.” (Bittar, Marisa, Mariluce, 2012, p.158).

Maria Montessori se destacou como uma figura fundamental na promoção dessas ideias. Seus métodos inovadores ajudaram a reformular os modelos tradicionais de ensino, enfatizando a importância de adaptar a educação às necessidades e experiências individuais dos estudantes.

Neste método o aluno tem a liberdade necessária para selecionar os artefatos com os quais irá trabalhar. Daí a extrema preocupação de Montessori em desenvolver os recursos didáticos mais aptos a atrair a atenção do aprendiz e a lhe incentivar a recepção do conhecimento, enriquecendo, assim, o processo educativo. Neste caso a autonomia está ligada a responsabilidade e ao respeito ao próximo. Isso possibilita também que o educador possa atender seus alunos de forma individual ou em grupos atentando as necessidades de cada um. (Pereira, Mota & Ferreira, 2014. p. 46).

Os movimentos emergiram com o objetivo de democratizar a educação e promover a liberdade, assegurando que o acesso ao conhecimento fosse equitativo e acessível a todos, sem as distinções elitistas que prevaleciam. Até então, a educação era vista como um privilégio reservado a poucos. No entanto, com o surgimento dos movimentos e métodos inovadores, a educação começou a se transformar e se tornar mais acessível a todos

Na década de 60, durante a Ditadura Militar no Brasil, muitos setores enfrentaram momentos desafiadores. A Pedagogia Social, que estava em processo de consolidação no país, também foi impactada, assim como o sistema educacional como um todo. As pessoas não podiam expressar abertamente seus sentimentos e angústias em um período tão conturbado.

As intervenções militares foram recorrentes na história da república brasileira. Antes de 1964, porém, nenhuma dessas interferências

¹resultou num governo presidido por militares. Em março de 1964, contudo, os militares assumiram o poder por meio de um golpe e governaram o país nos 21 anos seguintes, instalando um regime ditatorial. A ditadura restringiu o exercício da cidadania e reprimiu com violência todos os movimentos de oposição. No que se refere à economia, o governo colocou em prática um projeto desenvolvimentista que produziu resultados bastante contraditórios, tendo em vista que o país ingressou numa fase de industrialização e crescimento econômico acelerados, sem beneficiar, porém, a maioria da população, em particular a classe trabalhadora. (Cancian, 2008).

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que estabeleceu novos direitos sociais e educacionais, criou um ambiente mais propício para o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para a inclusão e a promoção da cidadania. No artigo 205, é dito que: “A Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988).

A partir da Constituição de 1988 a educação no Brasil como um todo, começou a se tornar mais institucionalizada e obteve a criação de políticas públicas. Educação do homem integral, em todas as suas relações com a sociedade, inclui a diversidade individual e social, abrange as transformações e os avanços do conhecimento e se dirige a todas as faixas etárias e a todas as etapas da vida. (Machado, 2009, p. 133).

A Pedagogia Social busca interpretar o indivíduo como um todo, levando em consideração suas necessidades, qualidades e até mesmo traumas que o acompanham. Ela busca trazer um sentido para quem a estuda e para quem a pratica que utiliza os princípios da empatia e da emancipação dos valores. Ela possui esse papel tão essencial e intrínseco porque busca o desenvolvimento dos estudantes entrelaçando as vivências dos mesmos com suas práticas, sendo elas em ambientes formais ou informais de educação.

¹ Maria Montessori doutorou-se em medicina em 1894, pela Universidade de Roma, tendo sido a primeira mulher italiana a receber esse grau. Contava, então 25 anos, e dedicou-se logo ao estudo e tratamento de crianças anormais, como assistente de clínica psiquiátrica daquela Universidade, [...] ocupou-se em preparar professores para a educação de anormais. Espírito observador, não lhe escaparam os defeitos da educação das escolas comuns; lembrou, por isso, de ensaiar os mesmos processos de educação anormais em crianças de inteligência normal” (LOURENÇO FILHO, 1930, p. 121-122)

A autora se refere à sua proposta pedagógica como Método Montessoriano” (LANCILLOTTI, p. 6, 2010).

Ela está centrada na educabilidade, ao desenvolvimento da sociabilidade humana, e à criação de sentido a partir das relações humanas. A dimensão humanística é essencial na práxis educativa da Educação Social enquanto se orienta ao desenvolvimento do sujeito (emancipação) e ao desenvolvimento do sujeito no contexto em que vive (transformação social) (Caliman, 2015, p. 5).

Nesta realidade, podemos perceber que para chegarmos ao conceito da Pedagogia Social que existe no modelo atual de ensino, foram realizados diversos estudos e movimentos que trouxeram o conceito visto dentro da área atualmente. !A educação social, ao ajudar a ser e a conviver com os outros, integra três âmbitos: animação sociocultural e/ou socioeducativa; educação permanente e de adultos/idosos e educação social especializada para pessoas ou grupos com problemáticas, dificuldades e conflitos sociais” (Esteban, 1999).

Nos cursos de Pedagogia oferecidos pelas universidades, podemos analisar que a área que abrange o Pedagogo Social atualmente são as áreas não formais de atuação, como ONGS, centro comunitários, presídios e programas de assistência social.

Entretanto, vale ressaltar que os estudos da Pedagogia Social não necessariamente precisam ser utilizados em espaços informais de educação mas em espaços formais também. “Assim, a educação social permite que o indivíduo participe ativamente no seu processo de socialização” (Fonseca, 2001). Podemos perceber que o educador/pedagogo social precisa ter uma visão humana e empática sob aqueles que atua em seus cotidianos.

O educador social de rua precisa de algumas características essenciais, muito mais de personalidade do que técnicos-profissionais, embora as duas sejam fundamentais. [...] É no corpo a corpo, no olho a olho cotidiano com esses meninos(as) que se pode revelar o acolhimento, o compromisso, apaciência, a competência, assim como os preconceitos, impaciências, rejeições ou rigidez comportamental ou perspectiva que o inabilitam para participar de uma Pedagogia Social de Rua desse tipo. (Gracianni, 1997, p.199).

Geraldo Caliman reflete que o Brasil sempre foi um país muito criativo e em diversos âmbitos consegue trazer inovações ao seu favor. “Um exemplo disso é como a Pedagogia Social é inserida na área da educação, visto que ela tende a atender em um contexto geral, os estudantes em ambientes que não sejam formais de educação e que muitas vezes se encontram em situações precárias. Partimos do

princípio de que o controle social é parte integrante de nossa sociedade, que ele acontece em diversos níveis: familiar, escolar, grupal, informal, formal, policial etc.” (Caliman, 2008)

Os ideais da Pedagogia Social também estão atrelados a uma visionária libertação que Paulo Freire citava em seus livros. Não tanto uma mudança das estruturas, mas uma mudança na mentalidade de pessoas, uma "emancipação" dos "oprimidos", para que se libertem de visões de mundo que reproduzem situações de opressão (Freire, 1970). É perceptível a importância da Pedagogia Social nesse processo ela não se limita à transmissão de conhecimento, mas também auxilia as pessoas a questionarem e desconstruir preconceitos, estereótipos e crenças limitantes.

Observa-se que o conceito de Pedagogia Social é amplo e evoluiu ao longo da história. O trabalho do pedagogo social é multidisciplinar, integrando diversas áreas do conhecimento. Embora essa área exija conhecimentos técnicos específicos, a empatia desempenha um papel fundamental na prática da educação social. Esta área oferece uma ampla gama de possibilidades de ação e intervenção, e visa valorizar os seres humanos por meio da empatia e do respeito.

A promoção da equidade é um aspecto crucial que destaca a importância dos estudos em Pedagogia Social no Brasil. Este campo visa compreender cada indivíduo como único, levando em conta suas histórias de vida e necessidades específicas durante o processo de aprendizagem. Essa abordagem permite ao pedagogo identificar melhor as particularidades de cada aluno e adotar as estratégias mais apropriadas para atender às suas necessidades individuais, garantindo assim um suporte educacional mais eficaz e justo.

3.2 Pedagogia Social e suas pluralidades: Educação formal e informal

Todo indivíduo participa de algum contexto educacional em algum momento de sua vida. Ao trazer suas particularidades e nuances para os grupos com os quais interage, e ao desenvolver suas próprias personalidades, ele contribui para o ambiente social. Estar inserido em contextos que estimulem essas características é uma parte essencial do ser social. Read (2001, p.9) afirma que: “Pressupõe-se, portanto, que o objetivo geral da educação seja propiciar o crescimento do que é individual em cada ser humano, ao mesmo tempo em que harmoniza a

individualidade assim desenvolvida com a unidade orgânica do grupo social ao qual o indivíduo pertence.”

O pedagogo desempenha um papel crucial nos processos de transformação social dos indivíduos. Essa profissão molda, frequentemente, as escolhas de crianças e jovens que se tornarão adultos e integrarão a sociedade. Sem dúvida, o trabalho do pedagogo impacta e transforma a vida de todos que passam por seu acompanhamento.

Seja em ambientes formais ou informais de educação, o pedagogo estimula e transmite conhecimentos e valores aos indivíduos sob sua orientação. Esses profissionais se dedicam a promover a empatia e a emancipação dos valores, além de incentivar a cultura e, principalmente, a curiosidade dos estudantes. É nas práticas diárias que o pedagogo pode fomentar o aprendizado e aplicar suas teorias às realidades em que atua e às interações humanas.

A prática educativa em nossa sociedade, através do processo de transmissão e assimilação ativa de conhecimento e habilidades, deve ter em vista a preparação de crianças e jovens para uma compreensão mais ampla da realidade social, para que essas crianças e jovens se tornem agentes ativos de transformação dessa realidade. (Libâneo, 1994, p.151).

A partir disso, destaca-se a importância do trabalho do pedagogo na formação de indivíduos pensantes. O papel do pedagogo transcende a simples transmissão de conhecimento, envolvendo a estimulação e a busca pela compreensão integral do ser humano. Essa abordagem cria uma dinâmica significativa nas diversas áreas de atuação profissional.

Quando falamos em educação, é comum que a profissão do professor seja ligada ao ambiente escolar, ou seja, a sala de aula. A necessidade de construir um ensino humanizado e que ajude a formar um cidadão é complexo, o que exige que o docente busque estratégias cada vez mais eficientes para que o educando consiga construir o seu desenvolvimento de uma forma significativa. Porém esses processos não acontecem apenas em ambientes formais de educação.

O pedagogo pode atuar tanto em ambientes formais quanto informais, o que amplia significativamente as possibilidades de atuação. Cada tipo de ambiente exige um conjunto específico de conhecimentos científicos e abordagens. É importante destacar que as estratégias utilizadas em contextos formais devem diferir das

abordagens empregadas em contextos informais.

O pedagogo pode atuar em diversas áreas incluindo: escolas, ONGS, empresas, presídios, hospitais, centros de atendimentos, CRAS, EJA... Isso torna a profissão do pedagogo recheada de possibilidades e diversidades e faz com que os profissionais priorizem o respeito e estimulem a inclusão social.

O trabalho social na atuação do pedagogo é muito abrangente e se reflete nas diversas áreas do conhecimento. É importante ressaltar que o Pedagogo Social não atua somente em espaços não formais de educação, abrindo um leque de possibilidades de atuação dentro das realidades existentes. Neste contexto, Machado e Quitanda ressaltam

[...] atenção à infância com problemas (ambiente familiar desestruturado, abandono); atenção à adolescência (orientação pessoal e profissional, tempo livre, férias; atenção à juventude (política de juventude, associacionismo, voluntariado, atividades, emprego) atenção à família em suas necessidades existenciais (famílias desestruturadas, adoção, separações); atenção à terceira idade; atenção aos deficientes físicos, sensoriais e psíquicos; pedagogia hospitalar; prevenção e tratamento das toxicomanias e do alcoolismo; prevenção da delinquência juvenil. (reeducação dos dissocializados); atenção a grupos marginalizados (imigrantes minorias étnicas, presos e ex - presidiários); promoção da condição social da mulher; educação de adultos; animação sociocultural. (Quintana, 1993 apud Machado, 2008, p.116-117).

O Pedagogo traz consigo bagagens atuantes em diversos espaços que podemos chamar de espaço formal e espaço informal de educação. “Com isso, ocorreu, de um lado, a exigência de um planejamento educacional e, de outro, a valorização de atividades e experiências não escolares, tanto ligadas à formação profissional quanto à cultura geral” (Fávero, 2007, p.20).

Segundo Libâneo (2012), a educação deve ser entendida como um fator de realização da cidadania, com padrões de qualidade da oferta e do produto, na luta contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social. A partir disso, nasce a necessidade do acolhimento dos estudantes dentro de espaços escolares, sendo eles formais ou informais.

3.2.1 Pedagogia Social e suas pluralidades: Educação formal

A educação formal pode ser definida como aquela que ocorre dentro de

espaços institucionalizados. Neste sentido, pode-se refletir nos espaços escolares como principais fontes de educação formal, a escola e a sala de aula são espaços que os estudantes são inseridos na busca pelo conhecimento científico. Gohn (2006, p. 28), revela que

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

A educação formal visa a implementação de currículos estruturados e adota modelos de ensino e abordagens específicas para a sala de aula. Está profundamente associada à docência, com uma forte ênfase no desenvolvimento infantil, especialmente nas áreas de Educação Infantil e Anos Iniciais, onde o pedagogo exerce sua atuação.

3.2.2 Pedagogia Social e suas pluralidades: Educação informal

A educação informal objetiva-se em socializar e desenvolver hábitos e atitudes, que ocorrem de acordo com a cultura e os valores de cada grupo. Ela busca a inclusão social e atua em diversas realidades. A educação não formal proporciona o conhecimento sobre o mundo que o envolve e suas relações sociais (GOHN, 2006 p. 29).

Diante dessas concepções, Jacobucci (2008) caracteriza como espaços formais de educação as instituições educacionais, enquanto os espaços não formais são aquelas instituições cuja função principal não é a educação formal.

Jacobucci (2008, p. 55) destaca:

Os espaços não formais de educação compreendem-se em locais diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas diversas. Existem dois tipos de espaços não formais, estes podem ser instituições ou locais que não contêm uma estrutura institucional. No âmbito de instituições são incluídos os espaços que possuem um regulamento e técnicos que são envolvidos e responsáveis pelas atividades executadas no local. Já em âmbito não institucional entram os ambientes naturais ou urbanos, que se forem

utilizados para a execução de práticas educativas de forma planejada se tornam um espaço educativo de construção científica.

O termo "não-formal" contrasta com o ensino formal das escolas e suas regulamentações. No entanto, dado o contexto histórico e social voltado para a realidade de crianças e adolescentes, tornou-se essencial reconhecer as "práticas socioeducativas" realizadas em ambientes fora das escolas como práticas formalizadas, o que se identifica através do artigo 90 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a saber:

As entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades, assim como pelo planejamento e execução de programas de proteção e sócioeducativos destinados a crianças e adolescentes, em regime de: I – orientação e apoio sócio-familiar; II – apoio sócioeducativo em meio aberto; III – colocação familiar; IV – abrigo; V – liberdade assistida; VI – semi-liberdade; VII – interação. Parágrafo único. As entidades governamentais e não governamentais deverão proceder à inscrição de seus programas, especificando os regimes de atendimento, na forma definida neste artigo, junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual manterá registro das inscrições e de suas alterações, do que fará comunicação ao conselho tutelar à autoridade judiciária (2005, p. 26).

A educação pode acontecer em diversas circunstâncias e ambientes, preparando o indivíduo para desempenhar suas atividades ao longo de sua vida. Para Erikson (1972), implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. O autor define identidade como a percepção que uma pessoa tem de si mesma, formada por valores, crenças e objetivos aos quais está profundamente comprometida.

A educação não-formal abrange mais do que as organizações não governamentais (ONGs), e seus espaços são diversos: associações de bairro, organizações que estruturam e coordenam movimentos sociais, igrejas, sindicatos, partidos políticos, centros culturais e até mesmo escolas, incluindo suas interações com a comunidade educativa, entre outros.

Apesar das definições dos termos educacionais, ainda é possível que ocorram divergências. Conceituar os termos não é uma atividade tão simples e faz com que por vezes as pessoas se confundam em relação às definições corretas.

Nem sempre os contrastes entre educação formal e não formal são claros, sendo arriscado encará-los como mutuamente exclusivos. É preferível, com efeito, sublinhar que as características da educação não formal resultam sobretudo de perspectivas e tradições de intervenção que, não estando condicionadas pela preocupação da

validação de saberes, se foram estruturando com determinadas marcas que perduram até aos nossos dias. Uma vez essas características surgem de um modo mais claro e inquestionável, outras vezes elas cruzam-se de modo mais ou menos tenso com outras lógicas de intervenção educativa (Rothes, 2005, p.173-174).

Portanto, podemos considerar que a educação formal busca a curricularização e a realização de avaliações apropriadas. Ela oferece ao aluno uma base sólida de conhecimentos específicos em uma determinada área. Além disso, contribui para o desenvolvimento emocional dos estudantes e para a socialização, empregando as técnicas adequadas quando necessário.

A educação informal oferece uma perspectiva mais humana e social do estudante. Ela busca entender o aluno a partir de seu contexto e realidades individuais, focando no desenvolvimento de competências socioemocionais e habilidades de trabalho em equipe. Esse enfoque valoriza as histórias de vida dos estudantes e seus conhecimentos prévios, promovendo a inclusão social e adaptando o aprendizado às suas experiências e necessidades.

(...) seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não-convencionais). Entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal (...) desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco do escolar propriamente dito. (Libâneo, 2010, p.88-89).

Ambas são extremamente importantes para a sociedade e para o desenvolvimento dos estudantes e do público em geral. As duas áreas desempenham um papel complementar e que se interligam de formas cruciais nos processos de ensino e aprendizagem. Enquanto os ambientes formais apresentam estruturas curriculares buscando a formação, os ambientes informais decorrem de uma sistematização mais liberal e flexível.

As duas áreas interconectam e se auxiliam mutuamente, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das teorias e facilitando a aplicação de diversos métodos de ensino e adaptações curriculares na prática docente. Essa integração promove a inclusão social e permite que a educação se complemente, desempenhando um papel essencial na extensão e impacto na sociedade, que é um

dos principais objetivos da formação do pedagogo.

Diante disto, pode-se relacionar a Pedagogia Social como fundamento para compreender as diferentes atuações e áreas de atuação do pedagogo. O pedagogo pode atuar tanto em espaços formais, como em espaços informais nas diversas instituições. Fazendo com que as atuações do pedagogo sejam diversas e proporcionando um contato direto com diferentes realidades presentes na sociedade.

Na próxima seção analisar-se-á pesquisa de campo realizada com os pedagogos, na qual retratar-se-á os resultados obtidos, em consonância com o referencial teórico proposto.

4. RELATOS DE PEDAGOGOS ATUANTES EM TURMAS DE 4ºs E 5ºs ANOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Esta seção retrata a pesquisa de campo, realizando um levantamento detalhado dos dados e dos relatos dos pedagogos que participaram do estudo. O objetivo é compreender as experiências e percepções dos educadores em relação ao contexto escolar, às dificuldades enfrentadas e às práticas pedagógicas adotadas. Dessa forma, buscamos entender como esses fatores influenciam o desempenho e a formação dos alunos.

4.1 Tipo de pesquisa e metodologia

Este Trabalho de Conclusão de Curso se dá a partir da inter-relação entre pesquisa bibliográfica e pesquisa exploratória envolvendo o campo. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir de leituras, resumos, fichamentos de obras e estudos que trouxessem as principais ideias do tema escolhido.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

A partir das leituras e do levantamento bibliográfico, escolheu-se trabalhar com o formato de pesquisa exploratória envolvendo o trabalho de campo. A pesquisa exploratória envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (Gil, 2007).

O local escolhido para realizar a pesquisa de campo foi selecionado por estar situado numa região periférica da cidade alvo. Além disso, após a acadêmica realizar uma prática durante a graduação nessa região com os estudantes de 4ºs e 5ºs anos, surgiu o interesse e a preocupação com este público, em relação aos métodos de ensino e as dificuldades do trabalho do pedagogo com estudantes em

situação de vulnerabilidade social.

Inicialmente, após a aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade (CEP), a pesquisadora encaminhou os Termos de Autorização tanto para a Secretaria Municipal da Educação, quanto para a escola municipal selecionada. Após obtida a autorização da Secretaria e assinaturas dos termos, a acadêmica entrou em contato com a Direção da escola selecionada para esta pesquisa, marcando data e horário para apresentação da pesquisa.

Nesta apresentação foi exposta a pesquisa, os objetivos gerais do estudo, os objetivos e foi solicitado a obtenção do consentimento para a participação, o Termo de Autorização, que foi assinado para pela direção da escola alvo. Também foi disponibilizado o link do questionário anônimo para a coordenação pedagógica da escola, que posteriormente o repassou aos pedagogos atuantes em turmas de 4^{os} e 5^{os} anos, assegurando o anonimato dos pedagogos que responderam à pesquisa.

Como instrumento de coleta de dados da pesquisa foi utilizado um questionário anônimo. A escolha do uso do questionário como instrumento de pesquisa justifica-se pela possibilidade de se obter respostas pontuais, mas não fechadas em si mesmas, ou seja, respostas que permitem análise e interpretação. (Denzin; Lincoln, 2006).

4.2 Análise de dados

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário anônimo contendo 5 questões abertas, elaborado pela pesquisadora, enviado via Google Forms, a fim de abordar questões relacionadas aos relatos de pedagogos que atuam diretamente com estudantes de 4^o e 5^{os} anos em situação de vulnerabilidade social em uma escola pública Municipal do Alto Uruguai Gaúcho. As perguntas visavam investigar fatores como: Dificuldades cotidianas, impactos da vulnerabilidade social na atuação do pedagogo, materiais pedagógicos, prática pedagógica e relato de experiência.

A pesquisa atendeu aos pressupostos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e da Resolução nº 510/2016, as quais regulamentam as pesquisas com seres humanos e a pesquisa na área das Ciências Humanas e Sociais. A coleta de dados foi iniciada somente após a aprovação do Comitê de

Ética em Pesquisa da URI – Câmpus de Erechim, com parecer do CAAE: 81528024.8.0000.5351

O material foi dividido em categorias e, a seguir agrupadas por proximidade e analisadas conforme descrito por Bardin (2010).

As 5 questões que podem ser categorizadas da seguinte maneira:

- Questão 1 - tema: Dificuldades cotidianas
- Questão 2 - tema: Impactos da vulnerabilidade social na atuação do pedagogo
- Questão 3 - tema: Materiais pedagógicos
- Questão 4 - tema: Prática pedagógica
- Questão 5 - tema: Relato de experiência

Primeiramente realizou-se uma pré-análise dos dados obtidos por meio de leitura e organização minuciosa dos dados coletados. A partir disso, elaborou-se hipóteses que direcionaram para a criação de categorias para, em seguida, fazer-se a codificação – que consiste em um processo no qual os dados brutos obtidos são sistematicamente agrupados em unidades. Por fim, o texto bruto foi classificado de acordo com as categorias.

Participaram dessa pesquisa 06 pedagogos, com idade variando entre 36 e 53 anos, com exercício no magistério entre 4 e 30 anos. Os resultados obtidos por meio da pesquisa de campo foram organizados em categorias e subcategorias (Quadro 1), conforme a metodologia da análise dos dados acima descrita.

Quadro 1 – Categorias e Subcategorias

Categoria	Subcategoria
Dificuldades cotidianas	Falta de acompanhamento familiar; Falta de compromisso; Infrequência dos estudantes; Diferentes níveis na mesma sala; Conhecimento da realidade dos estudantes; Dificuldades em diálogos com as famílias.
Impactos da vulnerabilidade social na atuação do pedagogo	Falta de incentivo e motivação aos estudos; Dificuldades de relacionamento interpessoal (isolamento e brigas com os colegas).
Materiais pedagógicos	Material acessível e de linguagem simples;

	Equipe multiprofissional; Projetos extraclasse; Materiais lúdicos para trabalhar com os estudantes.
Prática pedagógica	Formação pedagógica continuada aos pedagogos; Valorização dos estudos; Momentos aos estudantes que estimulem a reflexão e a importância de seguir os estudos.
Relato de experiência	Uso de drogas e tráfico; Abandono familiar; Fome.

Fonte: Autora (2024).

A análise dos dados foi realizada por meio da comparação do referencial teórico com os resultados obtidos. As respostas dos pedagogos foram descritas dentro das categorias através das siglas: P1 (Pedagogo 1), P2 (Pedagogo 2), P3 (Pedagogo 3), P4 (Pedagogo 4), P5 (Pedagogo 5) e P6 (Pedagogo 6).

4.2.1 Dificuldades cotidianas

Vygotsky (1998) ressalta que a interação do sujeito com o mundo se dá pela mediação feita por outros sujeitos. Os processos de aprendizagem não acontecem somente dentro da escola, a falta de acompanhamento familiar aos estudantes é um problema muito grave e que prejudica o desempenho escolar e a vida do estudante. Como ressalta o P1: “A falta de acompanhamento familiar, alunos que convivem com a negligência dos pais todos os dias, soltos pela rua sem nenhuma segurança, proteção familiar.”

A família tem um papel crucial nos processos de aprendizagem dos estudantes e um bom suporte familiar garante que as necessidades escolares sejam atendidas. O pedagogo necessita conhecer a realidade dos estudantes para que possa atuar da melhor maneira possível. Como reflete o P4: “Conhecer e saber como é a realidade social em que cada estudante vive com suas famílias. Não apenas ouvir da direção da escola ou imaginar como eles vivem. Conversar com as famílias para entender/compreender a situação que vivem para conseguir trabalhar no cotidiano escolar as dificuldades emocionais e de aprendizagem encontradas na sala de aula.”

A família do estudante precisa se fazer presente para que os mesmos possam atingir as metas educacionais estabelecidas. A frequência dos estudantes durante as aulas também é um fator de dificuldade cotidiana do pedagogo, se o aluno não frequentar as aulas fica ainda mais difícil para que o pedagogo possa auxiliar, ensinar e ajudar o estudante a se desenvolver.

“O núcleo familiar, constituído dos pais ou responsáveis, deve cuidar também, da frequência escolar dos filhos. Na verdade, o comprimento da criança á escola é algo que deve ser acompanhado pela sociedade. A infância e a juventude são os maiores patrimônios de uma coletividade.” (Carneiro, 1998, p.51).

Se o estudante é motivado a estar em sala de aula, conseqüentemente ele sentirá a vontade de frequentar as aulas e com a isso a frequência aumentará. Além disso, o pedagogo é essencial no processo de motivação, aplicando aulas lúdicas, respeitando e conhecendo as realidades dos alunos e seu conhecimento prévio sobre os assuntos. Como ressalta o P2: “Fazer com q o estudante se interessa com os estudos.Falta de compromisso e interesse.” E complementa o P3: “As faltas dos alunos e a falta de interesse em aprender o que esta sendo proposto.” A motivação não é mais uma responsabilidade somente dos alunos, embora também continue sendo deles, mas também um resultado da forma como se estruturou o processo educativo naqual estão inseridos e, neste caso, de como lhes é ensinada a ciência (POZO; CRESPO, 2009). Assim complementa o P5: “Faltas dos estudantes”.

Além disso, as famílias necessitam realizar um acompanhamento de apoio e motivação com os estudantes desde casa. Esse apoio é essencial nos processos de aprendizagem dos estudantes e garante a promoção da educação de qualidade.

Assim como cita a LDB 9394/1996:

Art. 2:

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

É fundamental que a família colabore com a escola, promovendo um trabalho conjunto e recíproco. A família deve estar disposta a dialogar com a escola, enquanto esta, por sua vez, deve criar oportunidades para que as famílias participem ativamente da vida escolar. “Atitudes de co-responsabilidade e interesse dos pais com o processo de ensino-aprendizagem incluindo a participação ou

colaboração em atividades, em eventos ou solicitações propostas pela escola” (Hernández, 1995, p. 59).

Escolas em situações de vulnerabilidade social frequentemente enfrentam a escassez de professores e apoio apropriado. Essa realidade leva, em algumas circunstâncias, à formação de turmas multisseriadas, o que impacta diretamente o trabalho do pedagogo. Muitas vezes, os pedagogos precisam adaptar o planejamento de uma turma para atender estudantes de diferentes níveis.

sem eliminar os programas mínimos, sem a eliminação das classes multisseriadas, sem eliminar as disciplinas e as diferenças de séries; é necessário oferecer um planejamento e execução de um trabalho que parta da coletividade da sala de aula, que permita a todos se expressarem de forma a se criar uma dinâmica e uma perspectiva de sistematização dos conhecimentos que todos, ainda que diferentemente. (Rabello E Goldestein, 1986, p. 13).

Em síntese, as escolas em situação de vulnerabilidade social enfrentam desafios consideráveis, incluindo a escassez de professores e a falta de apoio adequado. Como infere o P6: “Lidar com os diferentes níveis numa mesma sala de aula, comportamento dos alunos, falta de acompanhamento familiar.” A criação de turmas multisseriadas, embora uma solução temporária, demanda que os pedagogos adotem planejamentos flexíveis e inovadores para atender às diferentes necessidades dos alunos. Para auxiliar nestas realidades é essencial que exista um fortalecimento entre família e escola, para garantir uma colaboração entre ambas as partes e os estudantes se beneficiarem ainda mais dos espaços escolares.

4.2.2 Impactos da vulnerabilidade social na atuação do pedagogo

Como visto ao longo do referencial teórico, a vulnerabilidade social afeta diretamente o trabalho do pedagogo. Como infere o P6: “A vulnerabilidade impacta na frequência dos estudantes, dificuldade de aprendizagem por falta de interesse, diversos níveis numa mesma sala de aula.” Um estudante que não tem o que comer em casa por vezes será um estudante desmotivado e sem incentivo para permanecer na escola. Como ressalta o P2: “Acredito q o acompanhamento da família, pouco incentivo da família para o estudante se dedicar a escola.”

Além disso, há diversos fatores que fazem com que as famílias em vulnerabilidade social necessitem de que seus filhos comecem a trabalhar desde

cedo, o que também causa evasão escolar. Como ressalta o P1: “Percebo que alguns estudantes, não são incentivados a valorizar o estudo e perceber a importância da escola para o futuro. Estudantes que por qualquer motivo faltam aula e apresentam altos índices de infrequência, o que prejudica o desenvolvimento escolar. E não temos o auxílio dos familiares para minimizar essa situação.”

os efeitos da pobreza e da exclusão social; das desigualdades sociais; da ausência de laços afetivos familiares e nas sociedade; da transição repentina da infância à vida adulta; do não acesso à saúde, educação, lazer, trabalho, cultura e alimentação; da ausência do mínimo necessário para a sobrevivência; da inserção imatura no mercado de trabalho; da falta de previsão de ingresso no mercado formal de trabalho; da admissão em trabalhos desqualificados; da exploração em trabalho infantil; da ausência de projetos futuros; “do alto índice de reprovação e/ou evasão escolar; da oferta de integração ao consumo de drogas e de bens, ao uso de armas, ao tráfico de drogas. (Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima, Martinelli, 2002, p. 71).

Um estudante não vai estar preparado para atuar no mercado de trabalho se não tiver uma educação de qualidade e não frequentar a escola. Sem uma formação adequada, o estudante pode ficar sem competências técnicas essenciais para atuação. Como infere o P5: “Falta de interesse do estudante, descaso dos pais.” A educação não só oferece o conhecimento teórico fundamental, mas também ajuda a desenvolver habilidades práticas essenciais para várias profissões e interpessoais, desde aprender a se relacionar.

Assim ressalta o P4: “Dificuldade de relacionamento entre os colegas, situações de agressividade, brigas, desmotivação para estudar, dificuldades na aprendizagem, pouco interesse nos afazeres escolares.”. Os incentivos escolares também são de responsabilidade das famílias dos estudantes, por isso é necessário que por mais que a condição da família seja menos favorável que a mesma se faça presente em momentos dentro da escola. Se o ambiente familiar não é favorável, consequentemente isso será refletido na escola.

Ferreira e Marturano (2002, p.40) citam:

Crianças com problemas de comportamento sofrem mais agressão física por parte dos pais, seu relacionamento com os pais é descrito mais frequentemente como distante ou envolvendo conflitos, e elas recebem mais suspensão na escola. As relações com os companheiros também estão prejudicadas.

Para que assim a escola e a família, trabalhando em conjunto e auxiliam na aprendizagem do estudante da melhor maneira possível. Sendo assim o estudante não perde a motivação de estudar e principalmente de sonhar com um futuro melhor ou até mesmo com uma futura carreira profissional. Como ressalta o P3: “Os estudantes em sua grande maioria não tem um sonho em evoluir os estudos e acabam achando algo inútil, obrigatório, uma perda de tempo.”

4.2.3 Materiais pedagógicos

É evidente que o pedagogo precisa se reinventar continuamente, adaptando os conteúdos à realidade dos alunos de maneira acessível. Dentro das escolas, é fundamental que ele tenha acesso a materiais que possam ser utilizados em sala de aula. Como ressalta o P1: “SIM. principalmente um material acessível de linguagem simples para as famílias.” Assim, a colaboração da coordenação pedagógica é crucial para compreender as necessidades específicas de cada contexto educacional.

É essencial que o pedagogo tenha acesso a jogos para tornar as aulas mais dinâmicas e atraentes para os alunos. O aspecto do "brincar" é fundamental no aprendizado, pois, através do jogo, é possível abordar diversos temas de forma indireta, transformando-o em uma valiosa ferramenta nos processos de aprendizagem. Como infere o P5: “Sim. Atividades voltadas para a realidade social em que vivem. Desde imagens, até reportagens da nossa cidade, por exemplo.”

Brincando, a criança vai elaborando teorias sobre o mundo, sobre suas relações, sua vida. Ela vai se desenvolvendo, aprendendo e construindo conhecimentos. Age no mundo, interage com outras crianças, com os adultos e com os objetos, explora, movimenta-se, pensa, sente, imita, experimenta o novo e reinventa o que já conhece e domina. (Grassi, 2008, p. 33).

Além disso, o uso de jogos pedagógicos que incentivem os alunos a refletirem criticamente sobre suas realidades é fundamental para seu desenvolvimento. Os jogos não apenas funcionam como uma ferramenta didática durante as aulas, mas também ajudam os estudantes a reforçarem os conteúdos que estão aprendendo.

A utilização dos jogos e brincadeiras na educação, no trabalho pedagógico e psicopedagógico com sujeitos que apresentam ou não dificuldades de aprendizagem apresenta-se como uma alternativa interessante, pois pode despertar o interesse e o desejo de aprender e, ao mesmo tempo, pode possibilitar o desenvolvimento de

estruturas de pensamento mais elaboradas, a apropriação e a construção de conhecimentos, enfim a aprendizagem. (Grassi, 2008, p. 103).

Portanto, é importante destacar que a criação de projetos de vida nas escolas, com o apoio de psicólogos e assistentes sociais, é fundamental. O P6 ressalta: “Não material físico, mas sim pessoal, para poder dar um acompanhamento especial aos estudantes com maior dificuldade.” Esses projetos oferecem aos alunos a oportunidade de dialogar com profissionais que podem auxiliá-los nas suas necessidades dentro do ambiente escolar, promovendo sensibilização e um suporte adicional para seu desenvolvimento.

Sendo assim complementa o P3: “Algum programa diferente que mostre a importancia dos estudos de maneira mais lúdica e que traga a família como aliada a escola.” Estes programas iriam auxiliar na forma de dar visibilidade às questões, demandas e necessidades dos jovens, entendidos de uma forma mais ampla (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 109). O P2, ressalta que: “Não, acredito q material suficiente tem, o problema está na educação familiar mesmo.” Observa-se que o acompanhamento e os projetos de apoio a esses estudantes seriam benéficos para essa finalidade.

Logo, é visto que o acompanhamento e projetos de apoio a esses estudantes contribuiriam para isso. Além disso, seria interessante que as escolas oferecessem atividades extraclasse que abordassem diretamente a realidade dos estudantes e contassem com a participação de uma equipe multidisciplinar, promovendo uma abordagem mais ampla e integrada para o desenvolvimento e suporte dos alunos. Bee (1997, p.287), reflete que para um ambiente escolar ter sucesso ele necessita de três pilares: “metas e regras claras, bom controle, boa comunicação e muita preocupação com os alunos”

Como ressalta o P4:

Há necessidade de se realizar um trabalho com os estudantes que se encontram em situação de vulnerabilidade social com Projetos de ocupação extra- classe; conversa com psicólogos; assistentes sociais; realização de um trabalho para a escola/professora, compreenderem a situação em que se encontram. Realizar encaminhamentos aos órgãos que envolvem crianças e adolescentes para ajudar saírem dessa situação. E juntamente auxiliar às famílias desses estudantes para colaborar que os filhos não fiquem vulneráveis fora do período escolar, procurando ocupar os filhos em atividades pedagógicas, contribuindo com o crescimento da formação humana.

4.2.4 Prática pedagógica

A prática pedagógica do pedagogo vai muito além da sala de aula. Como mencionado anteriormente, os pedagogos que atuam em contextos de vulnerabilidade social enfrentam desafios diariamente. Por isso, é essencial que esses profissionais recebam formação continuada, pois somente com o conhecimento adequado poderão lidar de maneira eficaz com as diversas situações e realidades que encontram.

Assim ressalta o P1: “Formação com a presente temática e elaboração de estratégias para que a escola trabalhe junto com as famílias a fim de superar os problemas de negligências, abuso, mal tratos e outras situações de levam as crianças a ficarem vulneráveis no bairro e no espaço escolar.” E complementa o P4: “A busca constante de formação pedagógica para ampliar conhecimentos; buscar atualização de teorias pedagógicas para contribuir com o fazer pedagógico.”

Quando falamos de formação (universitária ou não) devemos estar em condições de integrar nela os seguintes conteúdos formativos: ...novas possibilidades de desenvolvimento pessoal,....novos conhecimentos.....,novas habilidades.....,atitudes e valores..., enriquecimento das experiências...” (Zabalza, 2004, p.41-42).

Além disso, é importante promover atividades em sala de aula que incentivem os alunos a refletir e a continuar sua jornada escolar. O pedagogo deve sempre buscar por conhecer seu aluno para o planejamento ser cada vez mais atrativo e isso reflete no estudante e na forma como se relacionam dentro de sala de aula. Assim, infere o P5: “Atividades em que o estudante goste de fazer, sinta prazer em vir pra escola.” E complementa o P6: “Resolução de situação-problema; Atividades de leitura; Jogos e brincadeiras pedagógicas; Momentos de integração com os demais níveis.”

Sendo assim, o pedagogo é essencial no planejamento estratégico para que o estudante se sinta bem e continue todos os dias na escola. Estimulando os estudantes com atividades atrativas e com um planejamento lúdico. Como infere o P3: “Interesse do estudante em aprender.” A partir do planejamento que envolva a ludicidade o pedagogo poderá despertar o interesse pela aprendizagem do estudante. Além de auxiliar o estudante na percepção da importância dos estudos, como ressalta o P2: “Mudança de pensamento social, precisam entender a

importância dos estudos.”

As atividades lúdicas correspondem a um impulso natural da criança, e neste sentido, satisfazem uma necessidade interior, pois o ser humano apresenta uma tendência lúdica; O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. Em virtude desta atmosfera de prazer dentro da qual se desenrola, a ludicidade é portadora de um interesse intrínseco, canalizando as energias no sentido de um esforço total para consecução de seu objetivo. Portanto, as atividades lúdicas são excitantes, mas também requerem um esforço voluntário; - As situações lúdicas mobilizam esquemas mentais. Sendo uma atividade física e mental, a ludicidade aciona e ativa as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento. (Teixeira 1995, p.23).

É importante destacar que o pedagogo precisa de apoio, tanto psicológico quanto da coordenação pedagógica, para alcançar suas metas com os alunos da melhor forma possível. Esse apoio é essencial não apenas para o bem-estar do profissional, mas também para garantir que ele tenha as condições necessárias para atender às necessidades educacionais e emocionais dos alunos de maneira eficaz.

Sendo assim, tudo envolve um trabalho em equipe: pedagogo, família, coordenação pedagógica e redes de apoio. A colaboração entre esses diversos atores permite que as ações pedagógicas sejam mais eficazes, oferecendo suporte contínuo e personalizado para os alunos, e criando uma rede de segurança tanto para os educadores quanto para as famílias.

4.2.5 Relato de experiência

Há muitos fatores que os pedagogos relatam ter enfrentado ao trabalhar com estudantes em situação de vulnerabilidade social. Um dos principais é o uso de drogas e o tráfico, tanto dentro das escolas quanto nas comunidades em que os alunos vivem. A Organização das Nações Unidas (ONU) destaca que o uso excessivo de drogas é um dos maiores desafios de saúde pública no mundo, estima-se que 185 milhões de pessoas com mais de 15 anos já tenham consumido substâncias ilícitas.

Neste sentido o P1 relata:

Tive um estudante que duas vezes na semana, faltava a aula, e por mais que solicitasse para cuidar as faltas a situação não mudava. Durante um mês teve apenas 5 presenças. Por esse motivo não conseguia aprender, apresentando muita dificuldade. Investigamos para saber por que isso acontecia, soube que o estudante tinha que faltar todas as vezes que era obrigado a fazer entregas de drogas ilícitas. O pai e a mãe usuários. Ele passava dificuldades e risco de vida e somente na escola sentia um pouco de segurança. Mesmo falando do caso aos órgãos responsáveis a situação não mudou. A família sentindo-se pressionada, fugiu da cidade, e até hoje não sei o que aconteceu com esse estudante. Isso indica o quanto a rede de proteção ao menor é uma rede frágil que vem perdendo credibilidade.

Essa situação é especialmente preocupante, pois os estudantes lidam com realidades que não deveriam enfrentar, o que impacta diretamente seus processos de aprendizagem. O pedagogo desempenha um papel essencial ao identificar o contexto em que o estudante está inserido, oferecendo apoio sempre que necessário para garantir que os processos de aprendizagem ocorram da melhor forma possível. Assim relata o P2: “Durante as minhas aulas procuro tratar meus alunos de igual pra igual, mostrando a importância da educação, conhecer o cotidiano da criança, suas ansiedades me faz entender melhor eles.”

[...] conhecer a relação entre o processo de marginalização e a educação escolar é reafirmar o compromisso entre conhecimento e contexto social, articulando teoria e prática com vistas a colaborar no processo de transformação das relações sociais (Francisco, 2012, p. 36-37).

Silva (2001), afirma que é na relação com os demais que, aos poucos, a criança vai construindo seu autoconceito, o qual irá influir na maneira de lidar com as diferentes situações que a vida lhe impõe. A ausência de uma rede de apoio familiar sólida representa um grande desafio que se reflete nas salas de aula. Estudantes de famílias monoparentais, que foram abandonados e com muitos irmãos, muitas vezes expressam sua frustração através de comportamentos indisciplinados durante as aulas, o pedagogo ao observar essas situações pode auxiliar esse estudante muito além da sala de aula. Assim relata o P3:

Experiências como profissional foram várias. Na realização do trabalho em sala de aula, encontrei muitos estudantes com problemas de convívio familiar. Trazendo seus problemas para a sala de aula, apresentando problemas de indisciplina e dificuldade na aprendizagem. Conquistar a confiança desses alunos foi o primeiro desafio. Mostrar que eles podiam mudar seu comportamento e ao mesmo tempo acreditar que podiam aprender. Valorizando cada avanço na aprendizagem, elogiando e fazendo perceber que os erros é normal, sem deixá-los triste por ter errado, valorizando sempre o seu crescimento e fazendo acreditar na sua capacidade em evoluir.

Aos poucos, foram sentindo -se seguros e valorizados. Mudando suas atitudes com os colegas e avançando na aprendizagem. Percebeu-se que conforme iam tendo mais conhecimento, ficavam mais maduros intelectualmente.

A situação da vulnerabilidade social também impacta a qualidade de vida dos alunos que vivem em áreas mais vulneráveis, os quais muitas vezes não têm acesso ao básico, como saneamento adequado, higiene pessoal e alimentação. [...] os meninos estão nervosos por não ter o que comer” (Jesus, 2018, p.28). O P4 relata: “FOME. Quando o estudante vem.pra escola, sem ter almoçado, pois não tem comida em casa. Quando escuto do estudante, meu pai está na cadeia, moro com minha vó. Minha mãe me abandonou, moro com minha vó. São tantos relatos chocantes.”

O pedagogo, muitas vezes, apoia os estudantes de forma indireta e até mesmo sem perceber, seja por meio de uma palavra na sala de aula, de uma escuta ativa ou até de gestos de afeto e carinho. Essas ações contribuem para a formação dos indivíduos que frequentam a escola e são fundamentais no apoio aos processos de aprendizagem, especialmente para aqueles que se encontram em situações de vulnerabilidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este Trabalho de Conclusão de Curso que teve como objetivo trazer os relatos de pedagogos que atuam em turmas de 4ºs e 5ºs anos com estudantes em situação de vulnerabilidade social de uma escola pública Municipal do Alto Uruguai Gaúcho, faz-se o uso das palavras de Paulo Freire (1991, p.58) “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.”

Ao começar sua carreira docente, o pedagogo precisa estar ciente de que encontrará diversas realidades ao longo do caminho. No contexto da vulnerabilidade social, essa prática se torna especialmente desafiadora. É nesse cenário que surgem os princípios da Pedagogia Social e humanista, que não apenas complementam as técnicas educacionais, mas também promovem uma abordagem mais humana e equitativa para aqueles que trabalham diretamente com os estudantes.

Durante a visita à escola, para a apresentação da pesquisa, em uma conversa informal com a coordenação pedagógica, foi relatado que a instituição se sentia invisível no que diz respeito às questões de aprendizagem dos estudantes em situação de vulnerabilidade social. A coordenação mencionou que, há muitos anos, ninguém abordava esse tema tão relevante na região, e se mostrou totalmente disposta a oferecer todo o apoio necessário para auxiliar durante os processos da pesquisa. Inclusive, foi ressaltado que a escola gostaria de receber o trabalho desenvolvido após a conclusão das análises.

Ao analisar os resultados obtidos por meio dos questionários anônimos, observa-se que, frequentemente, os pedagogos acreditam que a aprendizagem dos estudantes é impactada pelo ambiente externo em que vivem. Esses ambientes podem incluir principalmente a família, bem como os outros grupos com os quais os estudantes interagem ao longo de suas trajetórias pessoais. Além disso, fica claro o papel crucial da família no processo de aprendizagem, seja de forma positiva ou negativa. Nas respostas dos pedagogos, foi evidente que todos destacam a importância do incentivo familiar, do acompanhamento constante e da presença ativa da família na vida do estudante.

Apesar disso, os pedagogos relatam que, em muitas situações, as famílias não se fazem presentes na vida escolar dos estudantes, o que resulta em uma série de efeitos negativos na aprendizagem. Entre os problemas mencionados nas respostas dos pedagogos estão a infrequência escolar, a fome, a sensação de abandono, o uso de drogas e a falta de motivação para continuar os estudos.

É sabido que, ao abordarmos a vulnerabilidade social no contexto familiar, estamos considerando tanto as condições físicas quanto psicológicas que afetam os estudantes, como foi discutido ao longo deste trabalho. No entanto, a família desempenha um papel crucial no desenvolvimento pleno do aluno. Por isso, a escola tem a responsabilidade de envolver a família, estabelecendo uma rede de apoio conjunta que favoreça o bem-estar e o progresso do estudante.

A análise dos dados revela que o pedagogo deve oferecer atenção especial aos estudantes em situações de vulnerabilidade social, pois são eles que frequentemente enfrentam maiores dificuldades nos processos de aprendizagem. Esses alunos muitas vezes não encontram em casa a rede de apoio necessária, como acolhimento, escuta ativa e, principalmente, amor. Além disso, esses estudantes enfrentam dificuldades devido à falta de condições básicas para a sobrevivência, incluindo acesso a saneamento, alimentação, moradia, vestuário e infraestrutura adequada.

Além disso, os pedagogos destacam o impacto diário da vulnerabilidade social em seu trabalho com os estudantes, especialmente nas questões relacionadas ao planejamento alternativo e às atividades lúdicas. Eles ressaltam a importância da formação continuada e de programas que tragam profissionais de outras áreas para colaborar com os estudantes, principalmente no sentido de ouvi-los. Com as formações adequadas, os pedagogos se sentem mais preparados para enfrentar as difíceis realidades que lidam no dia a dia escolar e enfatizam que a formação contínua, juntamente com a criação de projetos que promovam a escuta ativa, são fundamentais para que os estudantes permaneçam na escola.

O pedagogo desempenha um papel fundamental nos processos de aprendizagem e compreensão desses estudantes. Por isso, é essencial que os pedagogos tenham redes de apoio que os incentivem a buscar formações continuadas, promovendo a busca pelo conhecimento também na docência. Além disso, é importante contar com o suporte da coordenação pedagógica, que deve estar presente, motivar e auxiliar os pedagogos na tarefa de apoiar esses alunos.

Diante disso, infere-se que a atenção aos estudantes em situação de vulnerabilidade social é de suma importância. Esses alunos não devem perder a esperança ou acreditar que não conseguem mudar a realidade em que vivem. Além disso, é na escola que, muitas vezes, eles têm a oportunidade de ampliar suas visões de mundo, o que contribui para seus processos de reconstrução.

O pedagogo é um agente de transformação social, e seu trabalho direto com os estudantes é fundamental. Por isso, é essencial que busquem constantemente novos conhecimentos e formações, além de solicitar apoio das coordenações pedagógicas, psicólogos ou assistentes sociais sempre que necessário. No entanto, sabe-se que, muitas vezes, essas redes de apoio são difíceis de acessar. Por isso, o pedagogo deve sempre lutar pelo que acredita, pois, mesmo quando a situação parece desafiadora, é possível fazer a diferença e apoiar os estudantes.

Este trabalho de conclusão de curso, pode ser concluído com a percepção de que, para que a aprendizagem do estudante seja efetiva, é necessário contar com uma rede de apoio sólida e que atue de forma integrada. As relações entre família e escola são complexas, mas, sendo relações humanas, merecem atenção e cuidado. Por isso, é fundamental ouvir as famílias que se encontram em situações de vulnerabilidade. Assim como foram apresentadas as observações e narrativas dos pedagogos, é igualmente importante ouvir o outro lado, para que os profissionais possam oferecer o melhor suporte possível a esses estudantes.

É importante destacar que os cursos de formação de pedagogos, muitas vezes, não preparam adequadamente os profissionais para lidar com as difíceis realidades que encontram no dia a dia. Uma clara evidência disso é o fato de que, ao longo deste trabalho, foi encontrada uma quantidade muito pequena de pesquisas relacionadas ao tema, especialmente aquelas escritas por pedagogos. Seria fundamental que, desde o início da formação docente, os futuros pedagogos tivessem acesso a conhecimentos e experiências que os inserissem nas diversas realidades enfrentadas pelo país. Além disso, é essencial que, desde o começo de sua trajetória, sejam oferecidos momentos de reflexão, troca com pedagogos mais experientes e ações voltadas para o cuidado da saúde mental dos profissionais.

Sendo assim, os pedagogos se sentiram mais preparados para lidar com as diversas situações desafiadoras e poderiam contribuir de maneira mais efetiva para os processos de aprendizagem dos estudantes em situação de vulnerabilidade social. Com uma formação mais robusta e voltada para a realidade desses alunos,

os profissionais estariam mais capacitados a desenvolver estratégias pedagógicas adequadas, além de oferecer um suporte emocional e social mais eficaz. Isso não só melhoraria a qualidade do ensino, mas também fortaleceria a rede de apoio ao redor do estudante, criando um ambiente mais acolhedor e favorável ao seu desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. (Coord.). **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.
- AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- ARROYO, Miguel. **A escola possível é possível?** In: ARROYO, Miguel (Org.). *Da escola carente à escola possível*. São Paulo: Loyola, 1991a. p.11-53.
- ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Intensificação do trabalho e saúde dos professores**. *Educação & Sociedade*, v. 30, n. 107, p. 349-372, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302009000200003&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 13 de julho de 2022.
- AUGUSTO JUNIOR, Fausto. **Os efeitos perversos da crise econômica no mercado de trabalho**. In: STEFANO, Daniela; MENDONÇA, Maria Luisa (org). *Direitos Humanos no Brasil. Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos 2020*. São Paulo: Outras Expressões, 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2010.
- BEE, Helen. **O ciclo Vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- BITTAR, Marisa, Mariluce. **História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade**. *Acta Scientiarum. Education Maringá*, v. 34, n. 2, p. 157-168, July-Dec., 2012.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 05/10/1988**. Atualizada até a Emenda Constitucional n.17, de 22/11/1997. São Paulo, Saraiva.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente/ Secretaria Especial de Direitos Humanos, Ministério da Educação Assessoria de Comunicação Social – Brasília: MEC, ACS, 205**.
- BUSSO, G. **Vulnerabilidad social: nociones e implicancias de políticas para Latinoamérica a inicios del siglo XXI**. Seminario Internacional “Las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe”- Santiago de Chile, 20 y 21 de junio de 2001. Comisión Económica para América Latina y el Caribe. CEPAL.
- CALIMAN, G. **Pedagogia social, relações humanas e educação**. In: MAFRA, J. F.;

BATISTA, J.C.F.; BAPTISTA, A.M.H. Educação básica: concepções e práticas. São Paulo, BT Acadêmica, 2015.

CALIMAN, Geraldo. **Paradigmas da exclusão social**. Brasília: UNESCO, 2008.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

CANCIAN, Renato. **Breve história do regime militar**. Especial para a página 3 Pedagogia/Comunicação. Disponível em: www.uoeducação.com.br/historiadobrasil. Acesso em: 03 abril. 2022.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil: Leitura crítico-compreensivo: artigo a artigo**. Petrópolis, RJ: vozes, 1998.

CATTANI, A. (2018). **Ricos, Podres de Ricos**. Porto Alegre: Tomo.

COLLARES, Cecília, MOYSÉS, Maria Aparecida (Orgs.). **Fracasso escolar: uma questão médica?** Cadernos do CEDES, São Paulo, n.15,1985.

CURRAN, D. (2017). **Climate change, resilience, and the generation of risk-classes**. In HUTTER, BRIDGET (ed.) Risk, resilience, inequality and environmental law (pp. 67-83). Cheltenham: Edward Elgar.

CURRAN, D. Beck's **creative challenge to class analysis: from the rejection of class to the discovery of risk-class**. Journal of Risk Research, v.21, n. 1, 29-40, 2018.

CUTTER, S. **Moral hazard, social catastrophe: the changing face of vulnerability along the hurricane coasts**. The Annals of the American Academy of Political and Social Science, v. 604, n. 1, p. 102-112, 2006.

CUTTER, S. **The social sciences perspectives on hazards and vulnerability science**. In: Beer, T. (Org.), Geophysical Hazards. International Year of Planet Earth. Springer, Dordrecht, p. 17-30, 2009.

DAYRELL, J.; CARRANO, P. **Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola**. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (org.) Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **A disciplina e a pratica da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. (Orgs). Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
Esteban, José Ortega (coord.) (1999). Educación social especializada. Barcelona: Ariel.

FARIA, E., MADALOZZO, R. **As lições das escolas brasileiras que oferecem educação de qualidade a alunos de baixo nível socioeconômico.** Fundação Lemann e Itaú BBA: 2013.

FÁVERO, Osmar. **Educação Não Formal: contextos, percursos e sujeitos.** Educ. Soc., Campinas, v.28, n.99, p. 614-617, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. **Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 35- 44, 2002

FONSECA, António Manuel (2001). **Educar para a cidadania. Motivações, Princípios e metodologias.** Porto: Porto Editora.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANCISCO, Júlio Cesar. Educação escolar e marginalização de adolescentes autores de atos infracionais. *Revista UNISAL, Americana*, n. 26, p. 35-54, jan./jun. 2012.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **O Compromisso do profissional com a sociedade.** In: _____. Educação e mudança. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GRACIANI, Maria Stela S. **A pedagogia social no trabalho com criança e adolescentes em situação de rua.** In. SOUZA NETO, João Clemente; SILVA, Roberto da; MOURA, Rogério. *Pedagogia Social.* São Paulo: Expressão e Arte, 2009. p. 207-224.

GRACIANNI, M. **Pedagogia social na rua: análise e sistematização de uma**

experiencia vivenciada. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1997.

GRASSI, T. M. **Oficinas psicopedagógicas.** 2ª ed. rev. e atual. Curitiba: IBPEX, 2008.

HERNÁNDEZ, A. M. S. (1995). **A relação escola e família na opinião de seus agentes.** Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

JACOBUCCI, D. F. C. **Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica.** Revista Em extensão, vol. 7. Uberlândia, p. 55 a 66, 2008.

JESUS, Carolina Maria de (2007). **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 9. ed. São Paulo: Ática.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo.** 10Ed.–São Paulo:Ática,2018.

KOWARICK, L. (1980). **A espoliação urbana.** São Paulo, Paz e Terra. _____ (2009). **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil.** São Paulo, Editora 34.

_____**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. São Paulo: Ed. Brasil, 1996.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1991.

LIBANEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 12 ed. São Paulo, Cortez, 2010.

LIBÂNIO, José Carlos; Oliveira, João Ferreira de; Thoschi, Mirza Seabra. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LOURENÇO FILHO M.B.**Introdução ao estudo da Escola Nova.** São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1930 (Bibliotheca da Educação, v. XI).

LANCILLOTTI, Samira Saad Pulchério. **Pedagogia Montessoriana: ensaio de individualização do ensino.** **Revista HISTEDBR,** Campinas (SP), v. 10, n. 37, maio, p. 164-173, 2010

MACHADO, Evelcy M. **A pedagogia social: Diálogos e fronteiras com a**

educação não formal e educação sócio-comunitária. Revista de Ciências da educação, Americana, S.P, n. 21187 18, p. 99-122, 2008. Disponível em: http://www.am.unisal.br/pos/Stricto-Educacao/revista_ciencia/EDUCACAO_18.pdf. Acesso em: 01 Maio. 2022

OLIVEIRA, E.S.G. (2006) **O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas.** Cien. Cogn., 7, 27-41. Retirado no Word Wide Web: <http://www.cienciasecognicao.org>.

ONU. **Organização Das Nações Unidas. Programa para o Controle Internacional de Drogas. Escritório das Nações Unidas Contra Drogas e Crime da ONU-UNODC.** [online]. Brasília (DF); 2005 [citado 20 mar 2006]. Disponível em: <http://www.unodc.org.br>. [Acesso em 18 dez 2016]

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. Equity and Quality in Education. Supporting Disadvantaged Students and Schools. Paris: OCDE, 2012.

PAIVA, V. P. (1987). **Educação popular e educação de adultos** (5a ed.). São Paulo, SP: Edições Loyola.

PEREIRA, Fernando de Cândido. MOTA, Andressa. FERREIRA, Danielle Aparecida. **O ensino e aprendizagem de matemática na educação básica com o uso do método Montessoriano.** Joinville/SC. 2014.
Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Brasília: MDS/SNAS, 2004.

POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. **A aprendizagem e o ensino de ciências: Do Conhecimento Cotidiano ao Conhecimento Científico.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PRADO, Claudia Eliza Papa do. **Estresse ocupacional: causas e consequências.** Revista brasileira Medicina do Trabalho, v.14, n.3, p.285-289, 2016.

RABELLO, Ivone Daré & GOLDENSTEIN, Marlene Shiroma. **Ação pedagógica em classes multisseriadas: uma proposta de análise e atuação.** Projeto Ipê, Ano 2, Fundamentos VI, São Paulo, s.ed., 1986.

READ, Herbert. **A educação pela arte.** São Paulo: Martins e Picosque Fontes, 2001.

RIBAS MACHADO, Érico. **A constituição da Pedagogia Social na realidade educacional brasileira.** 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis.

RIBAS MACHADO, Érico. **A Pedagogia Social: Reflexões e diálogos**

necessários. In: SILVA, R.; SOUZA NETO, J. C. de; MOURA, R. A. (Orgs.) *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão e Arte Editora/FAPESP/UNESCO. 2009.

RIBAS MACHADO, Érico. **As relações entre a Pedagogia Social e a Educação Popular no Brasil.** Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez 2012.

ROTHES, L. (2005). **Recomposição induzida do campo da educação básica de adultos –lógicas de apropriação local num contexto político-institucional redefinido.** Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto.

SILVA, V. R. M. G. (2001). **Indicadores de rejeição em grupo de crianças.** Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR.

SOARES, F. V; SOARES, S; MEDEIROS, M; OSÓRIO, R. O. **Programas de transferência de renda no Brasil: impactos sobre a desigualdade.** Texto para discussão, n. 1228, Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), 2006.

TAQUETTE, Stella R.; VILHENA, Marília Mello de; PAULA, Mariana Campos de. **Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro , v. 20, n. 1, p. 282-290, Feb. 2004.

TEIXEIRA, Carlos E. J. **A ludicidade na escola.** São Paulo: Loyola, 1995.

VYGOTSKY, Levy.S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes,1998.

ZABALZA, Miguel A. – **“O ensino universitário, seu cenário e seus protagonistas”** – Porto Alegre, Artmed, 2004.

APÊNDICE A

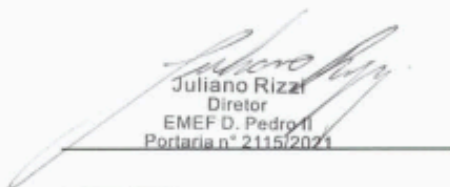


SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE ERECHIM – RS

Declaro, ainda, ter lido e concordado com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente Projeto de Pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, possibilitando condições mínimas necessárias para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Erechim, 14 de outubro de 2024.



Juliano Rizzi
Diretor
EMEF D. Pedro II
Portaria n° 2115/2021

Juliano Rizzi
Diretor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Pedro II
(Assinatura e carimbo do responsável institucional)

Lista Nominal de Pesquisadores:

Profª Márcia dos Santos Caron

Nicoli Maiara Hoffmann de Oliveira

RUBRICA DO

APÊNDICE B



SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE ERECHIM – RS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Eu, **Fabrcio José Brustolin**, abaixo assinado, responsável pela **Secretaria Municipal de Educação do Município de Erechim**, autorizo a realização do estudo **Relatos da atuação de Pedagogos em turmas de 4^{os} e 5^{os} anos em situação de vulnerabilidade social: Estudo em uma Escola Pública Municipal do Alto Uruguai Gaúcho**, a ser conduzido pelos pesquisadores abaixo relacionados. Fui informado pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. A atividade a ser desenvolvida é uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, com o objetivo de conhecer os relatos dos pedagogos que trabalham diretamente com estudantes em situação de vulnerabilidade social em escola pública municipal do Alto Uruguai Gaúcho. Para atingir o objetivo, as pesquisadoras propõem um questionário eletrônico e anônimo via web (Google Forms) com pedagogos (as) atuantes no 4^{os} e 5^{os} anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Pedro II, localizada na Rua João Francisco Busatta, 121 no município de Erechim/RS (ressalta-se que o nome da instituição não será divulgado no trabalho final, bem como não serão identificados os profissionais que participarão). Tal questionário compõe o Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da URI – Erechim da acadêmica Nicoli Malara Hoffmann de Oliveira, sob orientação da Prof^a Ms. Márcia dos Santos Caron. Após autorizada pela Secretaria, na pessoa do Secretário de Educação do Município, a pesquisadora entrará em contato com a Direção da escola elencada para esta pesquisa, a fim de marcar data e horário para apresentação da pesquisa. Na apresentação será exposta a pesquisa, os objetivos do estudo e solicitar-se-á, também à Direção da escola, o consentimento para a participação. Os dados serão coletados por meio de um questionário eletrônico e anônimo via web (Google Forms), o qual conterá cinco perguntas como instrumento de coleta de dados. Após a coleta de dados realizar-se-á a análise dos dados, cotejando-os com o referencial teórico bibliográfico – a partir da Pedagogia Social. Espera-se que a pesquisa contribua para o entendimento dos relatos dos pedagogos que trabalham com estudantes em situações de vulnerabilidade.

Declaro que os pesquisadores devem estar cientes e sujeitos ao regimento da instituição para acesso a ambientes, profissionais, pacientes e bancos de dados (considerando o que apregoa a Lei Geral de Proteção de Dados no tocante a dados pessoais e dados pessoais sensíveis), além da observância das regras de biossegurança, até o término da pesquisa, sob pena da retirada da autorização, sem aviso prévio.

**SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE ERECHIM – RS**

Declaro, ainda, ter lido e concordado com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente Projeto de Pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, possibilitando condições mínimas necessárias para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Erechim, 04 de Novembro de 2024

Fabrício José Brustolin
Secretário Municipal de Educação de Erechim/RS
(Assinatura e carimbo do responsável institucional)

Lista Nominal de Pesquisadores:

Profª Márcia dos Santos Caron

Nicoli Maiara Hoffmann de Oliveira

APÊNDICE C

Comitê de Ética em Pesquisa

CEP | URI Erechim

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – para
questionário eletrônico via *Google Forms***

Você está sendo convidado (a) para participar como voluntário(a) da pesquisa “Relatos da atuação de Pedagogos em turmas de 4ºs e 5ºs anos em situação de vulnerabilidade social: Estudo em uma Escola Pública Municipal do Alto Uruguai Gaúcho” e que tem como objetivo conhecer os relatos dos Pedagogos sobre sua atuação pedagógica com estudantes de 4ºs e 5ºs anos em situação de vulnerabilidade social em escola pública municipal do Alto Uruguai Gaúcho.

O projeto consiste em responder a um questionário anônimo disponibilizado na internet, *on-line*, cujo link está disponível nesta página, na sequência, elaborado na plataforma Google Forms. O questionário online: “Pesquisa de TCC: “Relatos da atuação de Pedagogos em turmas de 4ºs e 5ºs anos em situação de vulnerabilidade social: Estudo em uma Escola Pública Municipal do Alto Uruguai Gaúcho”, será realizado por meio de 5 questões descritivas, que trabalham as concepções dos Pedagogos atuantes, seus relatos, seus desafios diários, sua prática pedagógica e suas sugestões para a melhoria da qualidade educacional. As questões são breves e objetivas gerando um tempo estimado de resposta de 12 minutos por participante. Seus dados de identificação não serão solicitados e suas respostas chegarão a nós pesquisadores, sem identificação. Suas respostas serão utilizadas apenas para este projeto aprovado pelo Comitê de Ética da URI-Erechim.

Durante a execução do projeto não haverá benefícios diretos ao participante. No entanto, ao cotejar suas contribuições com o referencial teórico advindo da Pedagogia Social, espera-se que a pesquisa contribua para o entendimento dos relatos dos pedagogos que trabalham com estudantes em situações de vulnerabilidade.

É possível que aconteçam riscos mínimos, uma vez que se trata de um questionário anônimo, não havendo a possibilidade de identificação da parte dos pesquisadores. Apesar disso, você poderá se sentir cansado ou constrangido ao responder o instrumento de pesquisa e, caso isso aconteça, poderá encerrar as respostas e retomar o link de acesso quando for mais conveniente. De forma semelhante, se optar por desistir de participar, poderá retirar seu consentimento a qualquer momento.

Outro risco, está relacionado ao fluxo de dados em meio virtual, em função das limitações das tecnologias utilizadas, relativo ao acesso criminoso (por *hackers*, por exemplo, que podem desviar as informações em trânsito ou armazenados no computador ou na “nuvem”). Para minimizar esses riscos, os computadores utilizados pelos pesquisadores possuem antivírus e os dados permanecerão *online* apenas durante o período de recepção dos dados (coleta de dados). Em seguida os

dados serão armazenados em *pendrives* e/ou DVDs regraváveis (sendo excluídos do Google Drive – programa que armazena as respostas do Google Forms). Após término da análise dos dados, suas respostas serão mantidas em local seguro, em *pendrive* ou em DVD, por cinco anos. Ao término deste período, os dados serão apagados (*pendrive*) ou destruídos de forma ecologicamente correta (DVD). Apesar dos cuidados, existem limitações técnicas dos pesquisadores (antivírus, por exemplo, não são infalíveis, ou mesmo o furto das unidades de armazenamento ou computadores com os dados, é possível), para assegurarem total confidencialidade e anulação do potencial risco de violação ao banco de dados.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, você tem direito de:

1. Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade.
2. Assistência durante toda pesquisa, bem como o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que quiser saber antes, durante e depois da sua participação.
3. Recusar a participar do estudo, ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrer qualquer prejuízo à assistência a que tem direito.
4. Procurar por indenização, conforme determina a lei, caso ocorra algum dano decorrente da participação no estudo.
5. Ter acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que serão abordados), antes de responder as perguntas.
6. Procurar esclarecimentos com a Sra. Márcia dos Santos Caron, por meio do número de telefone: **(54) 2107-1255 - Ramal 243 ou na Av. Sete de Setembro, 1558 – Reitoria da URI, 3º andar – Assessoria Pedagógica**, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos.
7. Entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da URI Erechim pelo telefone (54)3520-9000, ramal 9191, entre segunda e sexta-feira das 13h30min às 17h30min ou no endereço Avenida Sete de Setembro, 1621, Sala 1.37 na URI Erechim ou pelo e-mail eticacomite@uricer.edu.br, se achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como foi proposta ou que se sinta prejudicado (a) de alguma forma, ou se desejar maiores informações sobre a pesquisa. O CEP tem a obrigação de revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, cabendo-lhe a responsabilidade primária pelas decisões éticas pertinentes, a serem desenvolvidas na Instituição, tomadas em conformidade com os critérios estabelecidos pelas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde, de modo a defender os interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, visando a preservação e a seguridade dos direitos e deveres dos participantes de pesquisa e da comunidade científica, contribuindo com o desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos, na Instituição.

Se concordar em participar da pesquisa este documento será seu Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para manter uma cópia, imprima esta página ou salve em PDF. Se você precisar de qualquer esclarecimento sobre esta pesquisa ou quiser acesso a outras informações **(ou desejar o resultado da pesquisa ao final da mesma)**, a qualquer momento, entre em contato com os pesquisadores

responsáveis pelo estudo (dados fornecidos abaixo). Se preferir, entre em contato antes de responder ao questionário.

Nome do prof. Pesquisador: Márcia dos Santos Caron

E-mail: marciacaron@uricer.edu.br

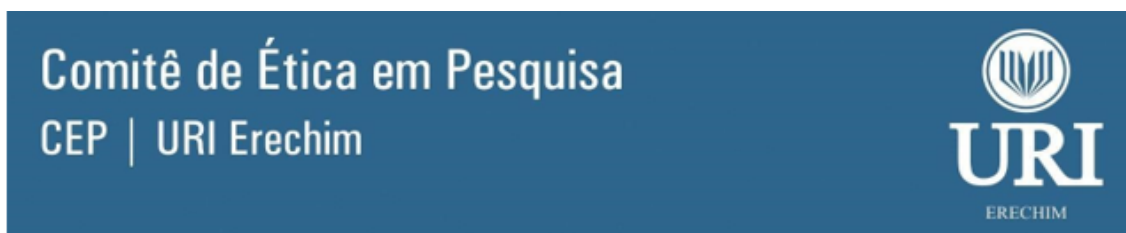
Fone: (54) 2107-1255 – Ramal 243

Nome da acadêmica Pesquisadora: Nicoli Maiara Hoffmann de Oliveira

E-mail: nicolihoffmann9999@outlook.com

Fone: (54) 99962-8806

APÊNDICE D



QUESTÕES NORTEADORAS PARA O QUESTIONÁRIO ANÔNIMO

“Relatos da atuação de Pedagogos em turmas de 4ºs e 5ºs anos em situação de vulnerabilidade social: Estudo em uma Escola Pública Municipal do Alto Uruguai Gaúcho.”

1. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo pedagogo na prática pedagógica em contextos de vulnerabilidade social?
2. De que maneira a vulnerabilidade social impacta sua prática diária como pedagogo?
3. Você percebe a necessidade de algum tipo de material pedagógico específico para trabalhar com estudantes em situação de vulnerabilidade social nas escolas?
4. Quais fatores você acredita que podem contribuir para aprimorar sua prática pedagógica?
5. Compartilhe uma experiência marcante da sua prática pedagógica e como essa situação influenciou sua abordagem educativa e o entendimento sobre as necessidades dos alunos?